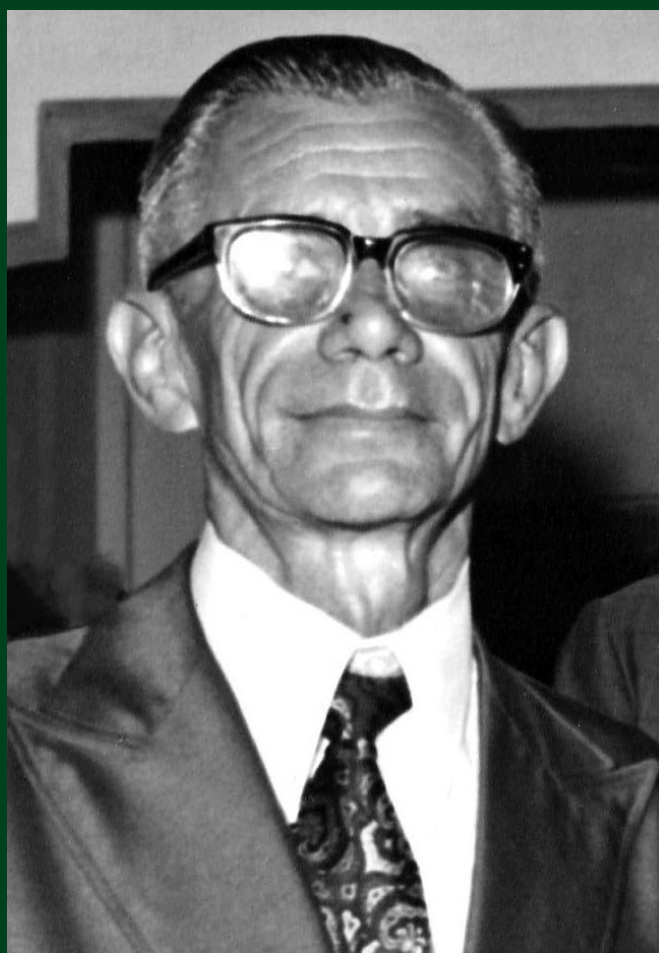




Revista da Academia Lagartense de Letras



Lagarto - Sergipe n. 16 / v. 1 - Abr. 2025

Dossiê João Almeida Rocha

ISSN 2594-5378



Número 16 - v. 1

Dossiê Dr. João Almeida Rocha

(Edição eletrônica— ISSN 2594-5378)

Instalada no dia 19 de abril de 2013, a Academia Lagartense de Letras reúne intelectuais e agentes culturais de diversas áreas, com importantes ações desenvolvidas na sociedade e inúmeros trabalhos publicados. Ao longo de sua existência, vem se pautando pela defesa da língua nacional e do patrimônio cultural local, representado que é por sua tradicional História, cujas primeiras notícias remontam ao século XVI. Criada para ser instrumento de divulgação da produção lítero-cultural e científica de seus membros, a Revista da Academia Lagartense de Letras também receberá trabalhos da comunidade, incluindo a escolar, com vistas a manter uma estreita relação de interlocução com os sujeitos produtores e gestores de saber, arte e cultura.

Lagarto—Sergipe
2025

© 2024 Revista da Academia Lagartense de Letras

Editor Chefe

Paulo Andrade Prata.

Editores Gerentes:

Claudefranklin Monteiro Santos
Taysa Mércia Santos Souza Damaceno

Conselho Editorial:

Aglaé d'Ávila Fontes
Beatriz Góis Dantas
Deijaniro Jonas Filho
José Carvalho de Souza, Mons
Maria do Carmo Oliveira da Fonseca
Noeme da Silva Dias
Paulo Sérgio Oliveira Nunes
Rodrigo Freire de Amorim
Rosalvo Andrade Nogueira

Conselho de Pesquisa, Revisão e Normas Técnicas

Anselmo Vital de Oliveira
Assuero Cardoso Barbosa
César de Oliveira Santos
Jane Guimarães Vasconcelos Santos
Josefa Suely Rodrigues Prata
José Uesele Oliveira Nascimento
Rusel Marcos Batista Barroso

Conselho Consultivo:

Prof. Dr. Milton Araújo Moura (UFBA).
Prof. Dr. Severino Vicente da Silva (UFPE).
Prof. Dr. José Milton Barbosa (UFS)

Jornalistas Responsáveis

Euller Tavares Ferreira
Débora Barreto

Apoio Técnico:

José Carlos Nascimento Júnior
Raildes Fontes

REVISTA DA ACADEMIA LAGARTENSE DE LETRAS

NÚMERO 16

VOLUME 01

Dossiê Dr. João Almeida Rocha

(Edição Eletrônica)

Lagarto-Sergipe
205

Imagem da capa:

Dr. João Almeida Rocha—1972

(acervo Antônio Xisto dos Santos)

A168r

Academia Lagartense de Letras.
Revista da Academia Lagartense de Letras. / Academia Lagartense
de Letras. Dr. João Almeida Rocha.
- Lagarto: [s.n.], v.1.n.16, 2025.

126 p.
Semestral.
ISSN: 2594-5378

1. História-Memória -Cultura

2. Literatura-Arte

3.Publicação periódica – Revista Acadêmica-Lagarto/SE
I - Título

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Academia Lagartense de Letras

Cadeira 1 (Sílvio Romero)

Rusel Marcos Batista Barroso

Cadeira 2 (Laudelino Freire)

Assuero Cardoso Barbosa

Cadeira 3 (Aníbal Freire)

Joaquim Prata Souza (Fundador)

Rodrigo Freire de Amorim

Cadeira 4 (Ranulfo Hora Prata)

Anselmo Vital de Oliveira

Cadeira 5 (Enock Santiago)

Deijaniro Jonas Filho

Cadeira 6 (Abelardo Romero Dantas)

Claudefranklin Monteiro Santos

Cadeira 7 (Luiz Antônio Barreto)

Emerson da Silva Carvalho (Fundador)

Vaga

Cadeira 8 (Joel Silveira)

Euler Tavares Ferreira

Cadeira 9 (Vicente Francisco de Jesus, Con.)

Mario Rino Sivieri, Dom. (Fundador)

Vaga

Cadeira 10 (João B. de Carvalho Daltro, Mons.)

José Carvalho de Souza, Mons.

Cadeira 11 (José Martins Fontes)

Taysa Mércia Santos Souza Damaceno

Cadeira 12 (José Vicente de Carvalho)

Maria Angélica Amorim Correia

Cadeira 13 (José Nogueira Fontes)

Rosalvo Andrade Nogueira

Cadeira 14 (Adalberto Fonseca)

Beatriz Góis Dantas

Cadeira 15 (José Cláudio Monteiro Santos)

Paulo Andrade Prata

Cadeira 16 (José Antônio da Costa)

Aglaé d'Ávila Fontes

Cadeira 17 (Onofre Silva Santos)

Euclides Oliveira Santos (Fundador)

Vaga

Cadeira 18 (Armando Hora de Mesquita)

Noeme da Silva Dias

Cadeira 19 (Teodoreto Arcanjo do Nascimento)

Antônio José Monteiro Rocha (Fundador)

Vaga

Cadeira 20 (Joaquim Prata Souza)

Paulo Sérgio Oliveira Nunes

Cadeira 21 (João Almeida Rocha)

Maria do Carmo Oliveira da Fonseca

Cadeira 22 (Themístocles Emílio de Carvalho)

Alessandro Santos Monteiro

Cadeira 23 (Joviniano Ramos Romero)

José Uesele Oliveira Nascimento

Cadeira 24 (Nilo Romero)

Josefa Suely Rodrigues Prata

Cadeira 25 (José Machado dos Santos)

César de Oliveira Santos

APRESENTAÇÃO

Infelizmente, no presente Dossiê, dedicado ao Dr. João Almeida Rocha, patrono da cadeira de nº 21 da Academia Lagartense de Letras, não tivemos muitos adeptos. A bem da verdade, somente um texto de minha autoria, publicado originalmente em 1998 e um resumo biográfico, do confrade Rusel Barroso, publicado no portal Lagarto Net . Assim, para além destes, trazemos, também, algumas imagens de sua vida pública, como prefeito de Lagarto, de 1973 a 1977. Em sua homenagem, há em Lagarto logradouros com seu nome: a Unidade Municipal de Ensino Infantil Dr. João Almeida Rocha; o Residencial Dr. João Almeida Rocha; o Asentamento Dr. João Almeida Rocha; Praça Dr. João Almeida Rocha.

Além de celebrar a memória de Dr. João Almeida Rocha, o presente número também traz uma justa e importante homenagem da confrreira Beatriz Góis Dantas à Aglaé D'Ávila Fontes, em seus 90 anos de nascimento. Dois dos maiores nomes da Academia Lagartense de Letras e da cultura sergipana.

Um dado particular neste número é a presença de artigos de outras áreas, para além das humanas. Nesse sentido, artigos científicos do campo da saúde ao campo das ciências exatas, o que enriquece o nosso periódico e confirma como uma revista que vem sendo solicitada, cada vez mais, por estudantes de nível superior.

A juventude também resolveu participar em número considerável, não somente com artigos científicos, mas também com crônicas e poemas, revelando o potencial criativo de uma geração de lagartenses que em tempo muito breve, poderão estar ocupando as nossas cadeiras e fazendo um enorme bem para instituição, que em seus doze anos de existência carece de sangue novo, não somente em idade, mas, sobretudo, em sede de participação e de proatividade.

Afora isso, quero também ressaltar a recorrente participação e colaboração de membros de academias e agremiações literárias de sergipanas, no envio de suas contribuições, aqui, em particular, dos confrades da Academia Sergipana de Letras, Jane Guimarães e Antônio Porfírio, como também do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, na pessoa de sua coordenadora, Tânia Cristina (Cris Souza), que nos brinda com uma linda homenagem poética ao nosso torrão de terra e de pertença.

A Revista da Academia Lagartense, por fim, segue em seu rumo de consolidação no sentido de se tornar um veículo democrático, importante e de qualidade para o engrandecimento da cultura e do conhecimento local, sergipana e também nacional. Em particular, na condição de editor-chefe até a presente data, quero agradecer penhoradamente a confiança depositada.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

SUMÁRIO

DOSSIÊ – DR. JOÃO ALMEIDA ROCHA	13
DR. JOÃO ALMEIDA ROCHA: RESUMO BIOGRÁFICO	15
<i>Rusel Barroso</i>	
DR. JOÃO ALMEIDA ROCHA—HONESTIDADE A PESO DE OURO	17
<i>Claudefranklin Monteiro Santos</i>	
HOMENAGEM	19
PARA AGLAÉ, NOS SEUS 90 ANOS DE VIDA	21
<i>Beatriz Góis Dantas</i>	
ENSAIOS	23
NA DERROCADA DO CANGACEIRO ZÉ BAIANO, TIO PEDRO GUEDES FOI O ULISSES DE ALAGADIÇO	25
<i>Antônio Porfírio de Matos Neto</i>	
BIBLIOTECAS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	31
<i>Jane Guimarães Vasconcelos Santos</i>	
LUIZ GONZAGA: A VOZ DO SERTÃO	33
<i>José Uesele Oliveira Nascimento</i>	
ARTIGOS	43
A INFLUÊNCIA DA DIABETES NA VIDA CONTEMPORÂNEA	45
<i>Catarina Reinoso Barreto e Ana Luísa Dantas Mondego Moreira</i>	
FRONTEIRAS ENTRE HUMANIDADE E TECNOLOGIA: A ÉTICA DA IA NO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL	53
<i>Felipe Jovino dos Santos</i>	
ABUSO DE DROGAS: NEURODESENVOLVIMENTO, ADOLESCÊNCIA, SAÚDE MENTAL E IMPACTOS NA SOCIEDADE	63
<i>Flávio Carvalho Moraes Menezes e Juan Ferreira Goes Baptista Diniz</i>	
O MÁRTIR VISIONÁRIO: EVIDENCIANDO A CRÍTICA AO ANTI-INTELECTUALISMO NA OBRA DE LIMA BARRETO	77
<i>Jonatas Silva Santos</i>	
TECNOLOGIA DE CAPTURA E ARMAZENAMENTO DE CARBONO E COMO O TURISMO IMPACTA O MEIO AMBIENTE	87
<i>Nathalia Barreto Sobral</i>	
RESENHA	
VIGIADOS E VIGILANTES: A SUSPEIÇÃO DO SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES NO COMBATE À “SUBVERSÃO”	95
<i>Alexandre Firmo</i>	

CRÔNICAS	99
O MENINO DA MORINGA	101
<i>Alessio do Nascimento</i>	
A SECA	105
<i>Bárbara Guimarães Fontes</i>	
POEMAS	109
PAÍS TROPICAL.....	111
<i>Jane Guimarães Vasconcelos Santos</i>	
OLHAR DE TRISTEZA.....	113
<i>Mariana Assunção Ralim Santos</i>	
SOLIDÃO	115
<i>Matheus Andrade de Moraes</i>	
TREVAS	117
<i>Matheus Andrade de Moraes</i>	
O ÉTICO.....	119
<i>Rafael Dias Aragão</i>	
O PERDÃO.....	121
<i>Rosana Batista dos Santos</i>	
LAGARTO, ENTRE MEMÓRIAS E ESPERANÇA.....	123
<i>Tânia Cristina dos Santos Souza (Educadora Cris Souza)</i>	

DOSSIÊ

Dr. João Almeida Rocha



Fotografia de Dr. João e o casal Dida e Aidê, pais do confrade Rusel Barroso

Fonte: Acervo Dr. João Almeida Rocha

DR. JOÃO ALMEIDA ROCHA: RESUMO BIOGRÁFICO

Rusel Barroso¹

Nasceu em 09/10/1920, em Lagarto – Sergipe, quarto dos cinco filhos de Antonio Pinheiro da Rocha e Rosina Fontes de Almeida. Iniciou seus estudos em Lagarto, prosseguindo-os em Aracaju, no Ginásio Tobias Barreto (atual Colégio Tobias Barreto), onde concluiu o curso ginásial. Em Salvador, fez o primeiro ano complementar de medicina no velho Colégio Central da Bahia (antigo Ginásio da Bahia), concluindo-o nos dois anos seguintes na então Capital Federal, Rio de Janeiro (Instituto Juruena). Por concurso vestibular ingressou na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), graduando-se cirurgião-dentista no ano de 1945. De volta a Lagarto, trabalhou como dentista, em consultório particular, até 1972. Contraiu matrimônio com D. Waldomira Monteiro de Carvalho Rocha em 1949, de cujo casamento teve oito filhos. Exerceu o cargo de vereador por duas legislaturas (entre 1947 e 1954) e de prefeito municipal entre 1973 e 1977. Foi oficial do registro civil do Cartório do 3.º Ofício entre 1955 e 1990. Foi também pecuarista e agricultor entre os anos de 1963 e 1998. Católico fervoroso, foi Presidente da Maternidade Zacarias Júnior e diretor da Associação de Caridade N. Sra. da Conceição. Benemérito da Pia União dos Pobres de Santo Antônio, dividiu com o ilustre lagartense Antônio Martins de Menezes, a aquisição do terreno onde se situa o prédio do Asilo de Santo Antônio, cuja construção deveu-se ao espírito meritório e cristão de D. Maria José Hora. Diretor do tradicional Ginásio Laudelino Freire (posteriormente Colégio), de 1966 a 1968 e de 1970 a 1972, sendo responsável pela implantação do primeiro curso de Contabilidade do município.

Filho de família humilde, desde cedo vislumbrou na educação o meio de ascensão social, política e econômica. Por isso, pautou a sua vida de político e de cidadão na valorização do saber, razão pela qual, também, nunca mediu esforços na luta de propiciar aos seus munícipes, principalmente àqueles que não dispunham de recursos econômicos, a oportunidade de estudar aqui em Lagarto. Quando prefeito, não mediu esforços para conseguir junto ao Governo Federal os recursos

¹ Ocupante da cadeira nº 1 da Academia Lagartense de Letras.

necessários para a implantação do Colégio Abelardo Romero, conhecido como Colégio Polivalente, onde hoje funcionam, provisoriamente, os cursos superiores do futuro Campus da Saúde da Universidade Federal de Sergipe, e do Módulo Esportivo, atualmente sede do Tiro de Guerra. Trouxe para Lagarto em convênio com a Universidade Federal de Sergipe, o primeiro curso superior de curta duração (Letras). Empreendeu a construção e reforma de diversas escolas da então precária rede municipal. Paralelamente, foi o pioneiro no transporte público escolar no município, facilitando o acesso dos residentes na zona rural aos princípios básicos de instrução nas escolas das sedes dos povoados e da cidade. Como cidadão, colaborou na construção do prédio do Colégio Laudelino Freire ao disponibilizar para a CNEC um sítio particular, fruto de herança, cujo dinheiro arrecadado com a negociação foi preponderante para a construção do prédio onde se situa o referido. Foi professor de Matemática, Ciências e Inglês no Ginásio Laudelino Freire. Modestamente, colaborou com a construção de muitas igrejas em diversos povoados do município de Lagarto. Em 1998, desligou-se completamente das suas atividades, recolhendo-se inteiramente para a família. Hoje, aos 91 anos, com a saúde debilitada, nos lampejos de lucidez tem a felicidade de receber o reconhecimento por parte de muitos dos seus conterrâneos, amigos e admiradores. Lagarto, 9 de outubro de 2011.

Nota e agradecimento

Este breve resumo biográfico do Dr. João Almeida Rocha foi escrito para ser lido na cerimônia de outorga da Comenda Sílvia Romero, concedida pelo Poder Público Municipal no ano de 2011. Portanto, dois anos antes do seu falecimento, na manhã do dia sete de junho de 2013, no Hospital São Lucas, Aracaju-Sergipe.

A família agradece todas as manifestações de solidariedade e apreço por parte dos lagartenses, especialmente dos que fazem a Secretaria de Educação do município de Lagarto, particularmente, na pessoa da professora Maria do Carmo Oliveira da Fonseca; dos ex-alunos, através de Enoque Araújo da Paixão; dos professores e ex-professores do município, especialmente a Aloísio Conceição; dos historiadores, no nome de Claudefranklin Monteiro. De igual modo, à Prefeitura Municipal de Lagarto, do prefeito ao mais humilde servidor; aos que fazem a Casa de Oração D. Maria Teles; aos membros da Academia Lagartense de Letras, que recentemente escolheram o nome de João Almeida Rocha para uma das cadeiras daquele Sodalício, em nome do seu presidente, Paulo Andrade Prata, e dos amigos da família, Rusel Barroso e Joaquim Prata.

DR. JOÃO ALMEIDA ROCHA: HONESTIDADE A PESO DE OURO¹

Claudefranklin Monteiro Santos²

Nos dias de hoje em que a ética e a dedicação ao bem público é uma coisa raríssima, e em que oportunamente se espera nos novos candidatos uma postura séria e condigna com o cargo almejado, a figura idônea desse esmero ser humano é sem dúvida um espelho a ser considerado.

Nascido em Lagarto no dia 09 de outubro de 1920, terceiro membro de uma família de quatro irmãos, João Almeida Rocha teve em seus pais, Antônio Vieira da Rocha e Rosina Fontes de Almeida, a educação necessária para o seu portar sempre sério e íntegro.

Homem de formação invejável, tendo sido estudante da Universidade Nacional de Odontologia (Rio de Janeiro), onde terminou seus estudos em 1945. Exerceu esta profissão em Lagarto até 1977, quando aposentou-se.

Não satisfeito em servir sua gente apenas como dentista dedicou-se a outras atividades que o conduziam a sua vocação ao povo e política, tendo exercido o cargo de Diretor do Ginásio "Laudelino Freire", onde fundou o Curso de Contabilidade daquela casa.

Depois disso, foi Diretor da Maternidade por dois anos, assumindo mais tarde o Cargo de Oficial do Regime Civil, até o ano de 1970.

Gozando de muito prestígio em meio aos estudantes, no dia 19 de agosto de 1972, é lançado como candidato a Prefeito Municipal, tendo o Sr. Eliseu Silva Martins como seu vice. Teve como principal âncora de sua campanha o velho "cacique" lagartense, o Sr. Dionísio Machado.

Seus comícios apoteóticos, até hoje são uma marca da história política de Lagarto. Homem capaz de reunir multidões em praças e ruas de nossa apaixonada cidade. E não faltava animação, nem mesmo o tradicional trio-elétrico, que sua época foi uma inovação muito bem sacada.

Quando prefeito procurou gerir os recursos públicos com toda honestidade de que lhe era característica. Tendo se empenhado com afinco à melhoria de nossa Lagarto, que desde aquele momento passou a viver o seu veneno político e motivo de ridicularização de nossa fama

¹ Folha de Lagarto de 29 de agosto de 1998. p. 06, coluna História e Estórias de Lagarto

² Ocupante da cadeira nº 6 da Academia Lagartense de Letras.

no Estado: a velha saga “Saramandaia”/”Bole-Bole” de que o mesmo fora vítima, tendo sido alvo de críticas infundadas das mais absurdas imagináveis. A nenhuma delas se abateu, pois nada temia, uma vez que era seguro de seu papel como homem público.

Inumeráveis foram as suas obras as quais mudaram a feição atrasada e atarracada dessa cidade, dirigindo todas elas ao bem-estar social de seu povo, a quem aprendeu a amar, e talvez seja isso que falte aos nossos novos “caciques”; amor pela causa abraçada.

Segundo ele, na política de Lagarto sempre houve divergências, mas antes existia o respeito mútuo entre as partes. Hoje o ódio é tal, que as famílias se digladiam numa “cegueira” irracionalmente política, e não condizente mais com as novas necessidades das proximidades do terceiro milênio.

Por essas e outras que a ocasião nos restringe citar, Dr. João entrou na história como um dos políticos mais honestos que já passaram pelos cargos públicos desta cidade, ainda muito ferida pela luta insana do “querer mandar”, quando dever-se-ia buscar o “querer fazer” para o bem de todos.

Dr. João hoje vive uma vida de aposentado, como gosta de frisar. Quando procurado para uma conversa ou entrevista ainda revela uma agudeza de memória rara hoje em nossa geração. Sempre com seu porte elegante e postura de homem que não deve, nem teme, aponta como uma figura exemplar e a ser imitada, nos altos dos seus quase e próximos 78 anos, que certamente já estão cravados nas estórias e histórias de Lagarto.

Obs: Colaboraram nesta matéria, as estudantes de História da UFS, Patrícia Monteiro e Raylane Nascimento.

HOMENAGEM

PARA AGLAÉ, NOS SEUS 90 ANOS DE VIDA

Beatriz Góis Dantas¹

Ao ver Aglaé completando 90 anos, a primeira ideia que me ocorre é que ela é uma pessoa que por mais de 60 anos tem visibilidade no cenário cultural de Sergipe, mantendo-se sempre em evidência, através de múltiplas atuações.

Ainda na década de 50, quando eu era uma quase adolescente, que vivia interna no Colégio das Freiras, ela me chamou atenção ao apresentar-se num palanque no Parque Teófilo Dantas tocando acordeom, assim como nas comemorações do centenário de Aracaju, quando foi coroada miss do evento. Desde então, fez-se sempre presente na sociedade aracajuana ora com a escolinha de música, ora com programa de rádio, ora com grupos de teatro, atuando no campo das artes, da educação e da gestão de diversas entidades culturais.

Fui sua colega de profissão na Universidade Federal de Sergipe; ela ensinando Psicologia da Educação e eu, Antropologia. Acompanhei sua atuação no Centro de Cultura e Artes da Universidade (Cultart) através das oficinas e sobretudo das Bolsas Trabalho/Artes, programa da Funart que concedia aos alunos meios de iniciação em diversas expressões artísticas, quando a UFS ainda não tinha cursos nessa área.

Partilhamos sempre o gosto por folclore, ela interessada sobretudo em subsídios para criar e interpretar peças de teatro; eu, em publicar trabalhos mais acadêmicos no campo das ciências sociais.

Nas nossas recentes viagens para as reuniões da Academia Lagartense de Letras, descobrimos ter frequentado, quando crianças, o mesmo colégio em Itabaianinha e nos emocionamos ao lembrar poemas e outros textos da velha Crestomatia.

Atuamos no Festival de Artes de São Cristóvão, no qual a sua presença foi duradoura e marcante. Também no Encontro Cultural de Laranjeiras, com suas 50 edições ininterruptas. Somos sobreviventes do primeiro Encontro e muitas vezes partilhamos Mesas Redondas e palestras nos Simpósios apresentando nossos trabalhos. Noutras ocasiões, ela estava no palanque das autoridades como secretária de Cultura ou de Educação de Sergipe, diretora do Centro de Criatividade, alguns dos muitos cargos que exerceu na administração pública sempre

¹ Ocupante da cadeira de nº 14 da Academia Lagartense de Letras

voltada para a área cultural, como o faz atualmente na presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, aos 90 anos.

Essa mulher, que a minha lembrança de adolescente guardou associada ao centenário de Aracaju e à música, ao longo dos anos, criou grupos de teatro, escreveu dezenas de peças, publicou vários livros, entre os quais cito apenas um, *Danças e folgedos: iniciação ao Folclore Sergipano* (1998).

Professora de crianças e de universitários, escritora sobre temas diversos, folclorista, gestora de entidades públicas a particulares, Aglaé canta, dança, representa, toca piano e acordeom. Muitas outras coisas mais faz essa brilhante lagartense, dando razão ao cordelista Zezé do Boquim que, num dos seus folhetos, ao caracterizá-la, disse:

*A mulher tem mais estrelas
Que noite enluarada.*

Que as estrelas de Aglaé continuem a iluminar os céus da cultura sergipana.

ENSAIOS

NA DERROCADA DO CANGACEIRO ZÉ BAIANO, TIO PEDRO GUEDES FOI O ULISSÉS DE ALAGADIÇO

*Antônio Porfírio de Matos Neto*¹

Pelos idos de 1936, quando as extorsões, as violências e as ameaças do cangaceiro Zé Baiano já alcançavam os limites da insuportabilidade na região sergipana de Alagadiço, município de Frei Paulo, e seis destemidos trabalhadores resolveram se agrupar para dar um basta no festim cangaceiro, foi a inteligência e engenhosidade de um destes que possibilitou o sucesso da difícil empreitada. E até na posterior proteção do lugarejo contra os revides dos bandoleiros pela morte de seu famoso companheiro.

José Aleixo Ribeiro da Silva, o cangaceiro Zé Baiano, havia transformado a pequena povoação num antro de práticas insidiosas, de perversidades e medo, a partir de ações violentas para roubar, extorquir ou ameaçar aqueles que não dispusessem dos valores almejados. Sob a presença indesejada e perigosa de Zé Baiano, Alagadiço se transformou em verdadeira jurisdição sob o manto do terror e da violência, e sempre submetida às ações insidiosas do famigerado cangaceiro. Assim, este tornou a povoação e seus arredores em verdadeiro coito onde se comprazia em ter à disposição o que desejasse, fosse com relação a mantimentos ou vultosos valores.

Além disso, Zé Baiano foi montando um sistema de arrecadação tão insidiosa de valores, mingando até mesmo as parcas da população, que chegava a cobrar “pedágio” dos feirantes que transitavam entre os diversos comércios da região, dos pequenos comerciantes da povoação, bem como daqueles mais abastados. Quando não alcançava seus objetivos pela força do medo e da perseguição, simplesmente perpetrava emboscadas para forçar a entrega de quantias e objetos de valor. Assim, ao retornar de uma feira onde havia ido vender sua pequena produção, de repente, numa curva de estrada, o trabalhador via surgir à sua frente o perigoso cangaceiro e seu pequeno grupo.

Foi assim que Zé Baiano foi fundando seu império em Alagadiço e arredores, e com pretensões ainda maiores pelos investimentos que passou a fazer. Arguto, perspicaz, o cangaceiro possuía modos peculiares de ação. Além de emprestar valores conseguidos com roubos, saques e extorsões, mantinha outras quantias nos escondidos das locas das pedras ou enterrados em potes, que chamava de botijas. Tanto dinheiro tinha que foi emprestando a juros altos a quem tivesse fama de riqueza ou mantivesse propriedades na região ou mesmo noutros lugares. Fazia, assim, da agiotagem, um meio de aumentar seu poderio econômico, ainda que vivesse pelos matos, nos escondidos,

¹ Membro da Academia Sergipana de Letras.

ameaçando mais e extorquindo mais. Tal contexto exemplifica bem a motivação de ser também conhecido como um dos cangaceiros mais endinheirados do bando de Lampião.

Desse modo, quase que totalmente submetido aos anseios brutais, sangrentos e usurpadores do cangaceiro Zé Baiano, é que vivia Alagadiço naqueles idos dos anos 30. As ações aterradoras do cangaceiro eram apoiadas por um pequeno subgrupo formado por Demudado, Chico Peste e Acelino, este recém-chegado ao grupo.

Desde a década de 30 que a cangaceirama mapeava de assaltos e saques, extorsões e ameaças à região, vez que Lampião havia espalhado seus comandados por regiões e a Zé Baiano coube aqueles arredores frei-paulistanos. O próprio Lampião, que já havia visitado a região por quatro vezes e mantinha fortes interesses com coronéis, conhecia muito as potencialidades lucrativas do lugar.

E sabendo da sede por dinheiro peculiar em Zé Baiano, logo o líder cangaceiro cuidou de estabelecê-lo onde a lucratividade estaria garantida. Também uma forma de distanciar o bandoleiro do episódio ocorrido ainda no início da década de 30, quando este assassinou sua companheira Lúcia por traição, no Coito da Pia das Panelas, nos sertões de Poço Redondo.

Assim, uma vez estabelecido em Alagadiço e seu entorno, o temido cangaceiro logo cuidou de fundar seu reinado, num misto de negociatas e pavor. Mas somente até alguns destemidos filhos da terra decidissem que seria hora de dar um basta naquela terrível situação. E foi assim, com a pretensão de planejar o fim do império do abastado e impiedoso bandoleiro na região, que o chamado grupo “Os Seis de Alagadiço” começou a agir. Como uma sociedade secreta que se reúne em surdina, às escondidas, foi assim que o fim de Zé Baiano começou a vingar. O grupo dos seis era formado por Antônio de Chiquinho, Pedro Guedes, Pedro de Nica, Birindin, Dedé de Lola e Toinho.

Antônio de Chiquinho, pelo envolvimento e até amizade que mantinha com Zé Baiano até decidir se livrar da constante ameaça e das imposições do cangaceiro, consta das páginas dos livros como sendo o grande responsável pela sua derrocada, como “o homem que matou Zé Baiano”, mas nada disso seria possível sem a autoria intelectual, sem a cabeça pensante e sem as estratégias concebidas e desenvolvidas passo a passo por Pedro Guedes. Se Antônio de Chiquinho tinha a força, tio Pedro Guedes tinha a inteligência, a força do raciocínio.

Pedro Sebastião de Oliveira, o Pedro Guedes, possuía características totalmente opostas a Antônio de Chiquinho. Se este era impulsivo e arrebatador, aquele era estratégico e cauteloso. Ademais, aquele também mantinha constante relacionamento de amizade com o cangaceiro como este fazia. Antônio de Chiquinho, aliás, já havia sido preso e sofria constante pressão da volante pela sua ligação com o cangaço. Aponta-se até que este foi

um dos motivos para dar fim a Zé Baiano e acabar de vez com as constantes perseguições que sofria. Mas outras motivações possibilitaram a sangrenta empreitada.

A empreitada, pelo perigo que apresentava, tinha que ser bem pensada e repensada. Ora, tratava-se da caçada brutal ao Carrasco Ferrador. E não haveria como vencer o experiente bandoleiro apenas pela surpresa e a força. Haveria de ter o delineamento de cada ação, de cada passo, até o desfecho final. E disso Pedro Guedes se desincumbiu com perfeição. Daí a assertiva de que este agiu como Ulisses fez em Tróia na guerra contra o banditismo, de forma que a impetuosidade deu lugar ao comedimento, a irracionalidade deu lugar ao pensamento coerente e objetivo.

No poema homérico Odisseia, Ulisses, rei de Ítaca, participa de uma guerra contra Troia para libertar Helena, mulher de Menelau, raptada pelo príncipe Páris. Mesmo lutando ao lado de guerreiros como Aquiles, a vitória não viria após dez anos de cerco sem o papel fundamental desempenhado por Ulisses. Este tem uma função preponderante, quer combatendo valorosamente, quer usando os seus dotes de excelente orador para resolver conflitos ou persuadir os outros, quer, sobretudo, usando da sua proverbial astúcia para vencer dificuldades ou imaginar estratégias que dessem vantagem aos gregos.

Ora, foi ideia de Ulisses o surgimento do famoso Cavalo de Troia. Fingindo levantar o cerco e abandonar o combate, os gregos deixaram um enorme cavalo de madeira às portas de Troia, como se fosse uma oferenda aos deuses. Após a estratégia, subiram em barcos e simularam que estavam partindo. Dentro da engenhosidade de madeira, contudo, estavam escondidos, e comandos por Ulisses, os mais valorosos guerreiros. Ao serem abertas as portas para o recebimento do presente, os guerreiros gregos saíram do cavalo e passaram a punhal os troianos, derrotando-os. Após a vitória, o regresso do herói foi marcado por inúmeras atribulações e desafios, mas todos sendo vencidos pela perseverança e perspicácia de Ulisses.

Tem-se, assim, que há um justo comparativo entre os feitos do guerreiro Ulisses e os estratégias levados a efeito por Pedro Guedes na guerra contra Zé Baiano. Ulisses possuía como principais características a destreza, a astúcia, a temperança, a esperteza, a inteligência e a habilidade e a prudência. Por seu lado, em Pedro Guedes - e conforme será demonstrado - também visíveis as características referidas, salientando-se ainda seu senso de visão de presente como reflexo do futuro.

E assim porque quando disse a Antônio de Chiquinho que estava agindo errado ao deixar que Zé Baiano percebesse que tinha mais força que este ao treinar luta corporal, estava prevendo que essa mesma força pudesse servir de elemento de surpresa em futuro embate. Pedro Guedes chegou a dizer: “Antônio, que história é essa de você derrubar Zé Baiano, você tá maluco é rapaz? Você tem que deixar que ele lhe derrube, pra que ele não conheça

sua força. Você vai precisar disso no momento certo. Não faça mais isso não porque você tá mostrando sua força e ele está conhecendo seu poder de domínio. Já conhecendo, ele vai se organizar, vai se preparar, e vai vir pronto um dia para ganhar de você”. Tal lição acabou sendo de grande valia.

Até mesmo quando envolveu dinheiro, o tino de Pedro Guedes prevaleceu. Certa feita, quando Zé Baiano jogou 46 mil contos de réis aos pés de Antônio Chiquinho e pediu a este para contar, tal episódio depois serviria também como mote para a necessidade de acabar com todo aquele roubo e extorsão que geravam toda aquela lucratividade criminosa. Ainda que o dinheiro fosse para pagar pela entrega de mantimentos e armamentos, assim que Antônio de Chiquinho contou a Pedro Guedes sobre a dinheirama e o que tinha sido encomendado para ser levado no sábado seguinte, então este viu na entrega o momento certo para agirem, ou seja, para encurralar e dar fim a Zé Baiano. E pensou mais a fundo.

Na estratégia de Pedro Guedes, a entrega dos mantimentos e das armas no dia combinado não causaria nenhum elemento surpresa, enfraquecendo o poder de ação do grupo dos seis. Seria preciso que a visita ao coito fosse feita no domingo, no dia seguinte, de modo que pudessem encontrar a cangaceirama mais desprevenida. E assim aconteceu. Eis a afirmativa de Pedro Guedes para justificar a desobediência: “Não vamos no dia que aquele marcou, porque no dia que ele marcou ele vai estar preparado psicologicamente. Nós vamos no domingo pra pegar ele de surpresa. Vamos ter muito cuidado”.

Pedro Guedes afirmou ainda que no dia combinado só iriam ao coito de Zé Baiano aquelas pessoas já conhecedoras da situação, ou seja, os seis. E teriam que ter muito cuidado também para que ninguém descobrisse qualquer coisa sobre o combinado nem sobre a entrega que seria feita, pois se alguma coisa chegasse aos ouvidos do cangaceiro então seria o fim de todos eles. E assim, ao invés de irem no sábado, deixaram a empreitada para o domingo.

No sábado à noite participariam de uma reza espiritual para seis destemidos na casa de uma senhora rezadeira do povoado, esta conhecida como São José. Pedro Guedes, em tom profético, então disse: “Vamos rezar, São José fez a reza de sábado. Vai dar tudo certo, agora um de vocês vai morrer logo logo”. E, de fato, Toinho, um dos participantes do grupo dos seis, viria a morrer de infarto quinze dias após o cerco a Zé Baiano. Talvez pelo abalo emocional e psicológico ante a brutalidade do ataque empreendido.

Pois bem. No domingo combinado partiram, mas antes mesmo da chegada Pedro Guedes alertou que não seria bom que os seis chegassem ao mesmo tempo, pois Zé Baiano poderia achar estranho e desconfiar. Assim, chegariam três e os outros três foram se aproximando logo depois. Contudo, surgiu outro problema para ser resolvido, pois não poderiam chegar portando armamento pessoal. O enfrentamento deveria ser no corpo a corpo e, após o domínio, então as próprias armas bandoleiras cuidariam de dar fim ao grupo

cangaceiro. Tudo pensado com rapidez impressionante por Pedro Guedes, até mesmo quando descobriram que havia um cangaceiro novato. Ao invés de Zé Baiano e mais dois, teriam que dar conta de quatro. Mas não podiam voltar atrás.

Pedro Guedes planejou cada passo da ação, desde o almoço levado para ser servido (uma buchada de bode para dar sonolência aos que dela se fartam demais), a bebida forte para ser derramada goela abaixo, até a senha a ser usada no exato momento de atacar. Assim, depois do almoço, e como forma de quebrar o gelo de Zé Baiano sem causar desconfiança, Antônio de Chiquinho colocou as mãos sobre a cabeça (conforme o combinado) e disse: “O Zé Baiano tá pensando em Marinete”. O nome da mulher que o cangaceiro mais queria. Então o bandoleiro abriu um sorriso de felicidade. Mas era a senha para a sua morte.

Após as palavras, o ataque. Os seis de Alagadiço como que voaram em cima dos quatro cangaceiros. Contudo, Zé Baiano se mostrou com força descomunal, mesmo que estivesse lutando contra dois, Antônio de Chiquinho e Pedro de Nica. A situação somente modificou quando Pedro de Nica levou a efeito mais um alerta feito por Pedro Guedes: “Aperte as partes de baixo que ele se entrega”. E assim foi feito e dominado o Carrasco Ferrador. A luta durou cerca de quinze minutos, com as armas dos bandoleiros agora em poder dos revoltosos.

A intenção do grupo não era, contudo, dizimar Zé Baiano após a luta. Pedro Guedes não achava interessante simplesmente matar sem antes tomarem conhecimento de muita coisa. Amarraram Zé Baiano num pé de baraúna e começaram a interrogá-lo. Quiseram saber sobre os 46 mil contos de réis prometidos, onde ele guardava dinheiro, e muito mais. Zé Baiano, ainda ardiloso mesmo em momento tão crucial em sua vida, foi dando pistas falsas de onde o dinheiro poderia ser encontrado. Por fim, prometeu 70 mil réis para o dia seguinte se deixassem ele vivo. Antônio de Chiquinho ainda se balançou perante a promessa, mas Pedro Guedes rejeitou de pronto. Então este e Birindin deram duas punhaladas que acabaram de vez com a vida do terrível e brutal cangaceiro.

Entretanto, as estratégias de Pedro Guedes não terminavam por aí. Depois de permanecerem em silêncio por quinze dias sobre a morte do cangaceiro, depois disso as consequências do ato começaram a surgir, e este e Antônio de Chiquinho chegaram ser colocados sob custódia. Foram libertados pelas disputas políticas e até criaram uma pequena força volante para o enfrentamento dos cangaceiros, pois sabiam que logo Lampião chegaria à região para vingar a morte de Zé Baiano.

Tal perspectiva de vingança fez com que Pedro Guedes tivesse outras ideias geniais. Preparou a população para revidar as investidas cangaceiras e conseguiu um velho armamento de um só tiro, que foi transportado encoberto e espalhado entre todos que era um potente canhão holandês. Ao invés da

potente arma, não passava de uma velha ronqueira. Mas a fama da existência do canhão ecoou tão forte que até Lampião, quando esteve na Lagoa Nova para prestar homenagens a Zé Baiano e disse que iria invadir Alagadiço, teve que retroceder após Maria Bonita afirmar que não seria seguro entrar num lugar onde havia um canhão esperando por eles.

Tempos após, dois pistoleiros chegam a Alagadiço e adentram na bodega de João Atanázio. Junto ao balcão, pediram pinga, um pedaço de requeijão, e então começaram a fazer perguntas sobre Antônio de Chiquinho e Pedro Guedes. Prontamente, pelos fundos, o dono da venda mandou um menino avisar a Pedro Guedes que dois sujeitos estavam ali querendo saber demais sobre a vida dos dois. Este estava jogando bilhar quando recebeu o recado, mandando o menino dizer ao dono da venda que nem ele nem Antônio de Chiquinho estavam no lugar. Assim que ouviram o recado sendo dado, os pistoleiros enfureceram.

Estes não sabiam, contudo, que logo estariam na presença dos dois que tanto procuravam. Com efeito, Pedro Guedes avisou a Antônio de Chiquinho e os dois seguiram até a venda. Pedro Guedes já havia combinado com o amigo: “Fique do lado esquerdo de um que eu fico do lado direito do outro. E na hora que pedir a pinga, antes de beber você joga nos olhos deles que a gente pega os dois de vez”. Foi a senha, mais uma senha.

O primeiro a entrar na venda foi Pedro Guedes. Logo os pistoleiros perguntaram se ele o conhecia. Este respondeu que já tinha ouvido falar em alguém com esse nome, mas havia ouvido dizer que estava pelos lados da caatinga. Em seguida entrou Antônio Chiquinho. Assim que o dono da venda serviu aos dois, sem mencionar qualquer nome que pudesse torná-los reconhecidos, então as pingas foram arremessadas nos olhos dos pistoleiros. Sem poderem reagir, estes se viram surrados por todos os lados. Não quiseram matar, apenas dar uma boa lição para que ali não mais retornassem. Nem eles nem outros pistoleiros.

Assim como aconteceu com a fama criada pela ronqueira que se tornou em portentoso canhão pelo ardil de Pedro Guedes, igualmente se tornou a fama de lugar perigoso e surrador para afastar pistoleiros e outros bandidos. Lugar onde se corria o risco de apanhar só em falar os nomes de Pedro Guedes e Antônio de Chiquinho. E, conforme visto, tudo nascido da engenhosidade e esperteza de Pedro Guedes, um verdadeiro Ulisses enfrentando as batalhas da vida através da inteligência e da perspicácia. O homem que transformou uma velha ronqueira de um só tiro num verdadeiro Cavalo de Troia.

BIBLIOTECAS E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Jane Guimarães Vasconcelos Santos¹

O significado de Biblioteca, segundo o dicionário Aurélio “coleção pública ou privada de livros e documentos congêneres, para estudo, leitura e consulta.” Surge a pergunta: de onde vêm os livros que estão nas estantes das Bibliotecas? Como eram as Bibliotecas da Antiguidade? Desde quando existem Bibliotecas? A palavra Biblioteca vem do grego e traduzida literalmente quer dizer “depósito de livros”.

Com o passar dos anos as Bibliotecas retomam o conceito como verdadeira ciência disseminadora de informações. Não são apenas depósito de livros, para além da automação surge a era das Bibliotecas digitais. As primeiras Bibliotecas da História não eram exatamente de livros, as milhares de tabuletas de argila eram armazenadas e a primeira Biblioteca do mundo foi erguida na Assíria (atual Iraque) pelo rei Assurbanipal II, por volta do século VII a.C., há mais de 2.500 anos. Muito depois vieram as Bibliotecas com rolos de papiro, feitos de uma planta típica do Egito e logo depois vieram os pergaminhos confeccionados com couro de animais.

A Biblioteca de Alexandria, a mais famosa da antiguidade e o tesouro dessa Biblioteca é a sua coleção de rolos de papiro. A Biblioteca de Pérgamo também era constituída de vários pergaminhos que eram bem mais resistentes que o papiro. As Bibliotecas são diferentes umas das outras. Todos nós conhecemos alguma Biblioteca, seja no Bairro, na Escola, na Universidade, na casa de um amigo. A grande Biblioteca deveria ter todas as pesquisas, histórias e descobertas que já haviam sido escritas. Bibliotecas, há mais de quatrocentos anos tiveram a ideia de reunir livros, mapas, desenhos, e até partituras assim como a Real Biblioteca na época do Rei D. João I. Bibliotecas eram tidas como sinônimo de um espaço de nobreza com obras e coleções de livros raros, mas poucos tinham acesso as informações. Havia os livros escritos a mão chamados de manuscritos, um trabalho feito nas Igrejas pelos monges, que eram considerados monges copistas, monges escribas ou por copistas que cobravam muito caro, mas, os soberanos tinham como

¹ Integrante da Academia Sergipana de Letras

comprar. E compravam obras raras, exemplares vindos de terras longínquas, livros pintados a ouro. A Coroa e a Biblioteca iam passando de rei para rei. Um Palácio que guarda muito conhecimento é muito poderoso. Uma espécie de um tesouro do saber.

Eram como se os livros guardassem muitos segredos. Quando os livros eram desenhados, chamavam-se esses desenhos de iluminuras, quem não sabia ler, olhava as figuras. As coleções de livros eram tesouros. Todos os livros raros têm uma história. As vezes fico imaginando por onde cada livro andou, em que estante esteve guardado, quem leu primeiro, por quantos leitores passou. Nem todo livro velho é um livro raro. Existem códigos que identificam uma obra rara. Ser um dos únicos livros existentes por exemplo, se torna uma obra rara. Um livro pode se tornar raro por ter uma dedicatória. As prateleiras de livros contam histórias de vários idiomas. O mundo está na Biblioteca dentro dos livros. As Bibliotecas carregam sonhos, paisagens diferentes, letras. Hoje as Bibliotecas possuem computadores, Tvs, Bibliotecários, trabalham com projetos de leituras, disseminam informações e livros são emprestados.

Bibliotecas muito diferentes, de épocas e lugares distintos, mas com algo em comum: a capacidade de ampliar, com seus livros, o mundo de cada leitor que passa por elas.

LUIZ GONZAGA: A VOZ DO SERTÃO

José Uesele Oliveira Nascimento¹

“O grande Rei do Baião
O nosso Luiz Gonzaga,
Se confunde com a saga
E a cultura do sertão.”

(cordelista Rouxinol do Rinaré, 2017)



¹ Ocupante da cadeira de nº 23 da Academia Lagartense de Letras

O 'Rei do Baião', como ficou conhecido, reinventou o Nordeste através do seu legado musical, e se tornou patrimônio eternizado por traduzir o lamento, os sentimentos e os cantares do sertanejo em mais de meio século de incansável produção cultural.

No dia 13 de dezembro de 1912, numa sexta-feira, nasceu na fazenda Caiçara em Exu, o mais talentoso artista negro pernambucano que o Brasil já viu cantar, Luiz Gonzaga, segundo dos nove filhos do casal Januário José dos Santos, lavrador e conhecido tocador de fole de 8 baixos na região do Exu, e Ana Batista de Jesus, conhecida como Santana (mulher trabalhadeira e de fortes valores religiosos). O futuro rei do baião foi batizado na matriz de Exu e recebeu de seus pais o nome de Luiz (por ser o dia de Santa Luzia) Gonzaga (por sugestão do vigário) Nascimento (por ter nascido em dezembro, mês do nascimento de Jesus).

Em 1920, com apenas oito anos, a pedido de amigos de seu pai, Luiz Gonzaga substituiu um sanfoneiro em uma festa tradicional na fazenda Caiçara. Cantou e tocou a noite inteira. A partir daí, os convites para animar festas - ou sambas, como se dizia – tornam-se frequentes. Antes mesmo de completar 16 anos, "Luiz de Januário", "Lula" ou Luiz Gonzaga já era nome conhecido em toda a redondeza.

Aos 13 anos, no ano de 1926, o adolescente Luiz Gonzaga comprou sua primeira sanfona (uma 8 baixos, Koch), na cidade de Ouricuri, igual à sanfoninha "pé de bode" do mestre Januário, ao preço de 120 mil Réis; a partir de então estava convicto que seria sanfoneiro profissional. Já rapazinho, se engraçou por Nazarena, com quem namorou às escondidas. Rejeitado pelo pai da moça, de família influente na região, após tomar umas quentes vai tirar satisfações armado com uma faca. Depois do ocorrido, Santana fica sabendo e o molecote leva uma surra de ficar quieto, por ter um temperamento difícil Gonzaga foge de casa para o Crato, no Ceará, onde vende sua sanfona de 8 baixos. E, em 1930, com a maioridade incompleta, se apresentou ao Exército, na cidade de Fortaleza, onde seguiu em missão alistado como soldado Nascimento.

Anos depois por não conhecer a escala musical, o semianalfabeto Luiz Gonzaga foi reprovado num concurso para músico numa unidade do exército em Minas Gerais, mesmo assim torna-se soldado-corneteiro e ganha o apelido de "Bico de Aço". Com esforço e dedicação, ele aprende a tocar acordeon de 120 baixos, aproveita as folgas da caserna para ensaiar exaustivamente, sua tara era tocar nos forrós.

Em 1939, ele pediu dispensa das Forças Armadas, desembarcou na capital do país, Rio de Janeiro, com passagem de navio para o Recife, de

onde pretendia voltar para Exu. Enquanto aguardava a chegada do navio, nesse meio tempo, resolveu conhecer o Mangue, bairro boêmio carioca vizinho ao porto. Lá, com sua primeira sanfona Honner Branca, comprada um ano antes, fez sucesso nos botecos tocando um repertório clássico com certa identidade pessoal na execução instrumental, reunindo valsas (como *Queixumes*, de Noel Rosa), tangos, choros, foxtrotes, polcas e outros ritmos da época. Instalou-se no Morro de São Carlos, à época um tranquilo reduto português no Rio. No ano seguinte, Gonzaga começou a apresentar-se em programas de calouros e auditórios das principais rádios cariocas. Pressionado por estudantes cearenses, modificou seu repertório e acrescenta as músicas rurais do "norte", como o "Vira e Mexe", um xamego (chorinho) do seu pé-de-serra, assim vai conseguindo projeção e alcança nota máxima no programa de *Calouros em Desfile*, de Ary Barroso, na Rádio Tupi (onde outrora fora rejeitado por sua voz de taquara rachada).

Em março de 1941, Gonzaga fez sua primeira participação em gravação da Victor, atuando na cena cômica, estreia como ator e músico no roteiro *A Viagem do Genésio* como sanfoneiro da dupla Genésio Arruda e Januário França. Seu talento chamou a atenção do produtor musical da gravadora Victor, Ernesto Augusto Matos. Em 14 de março do mesmo ano, assinou contrato pela primeira vez como artista principal e exclusivo da Victor, na ocasião grava quatro músicas que serão lançadas em dois discos de 78 rotações. Assim, Gonzaga começou a aparecer no cenário musical carioca com uma reportagem na revista carioca *Vitrine*, com o título *Luiz Gonzaga, o virtuoso do acordeon*. Continua gravando e passa a ser considerado nas reportagens como "o maior sanfoneiro do nordeste e até do Brasil". Nos anos seguintes gravou cerca de 30 discos solos e instrumentais, com repertório de muitos choros, valsas e mazurcas, pois a Victor não lhe permitia cantar em seus discos, galgando espaços ele agora passou a integrar a Rádio Clube do Brasil, legando para o sudeste uma gama de gêneros musicais nordestinos: baião, xote, xaxado, toada, coco, maracatu, aboio, quadrilha junina; para além de ramificações musicais, como chamego, siridó, torrado e macapá, frutos da mente criativa do futuro Rei do Baião.

Um marco em sua carreira foi passar a se caracterizar com indumentárias tipicamente nordestinas em suas apresentações, pois antes ele aparecia nos programas de rádio com certa formalidade (terno e gravata). Desde então, passou a adotar em seu figurino um tipo mesclado entre o vaqueiro do sertão e o cangaceiro da caatinga (um

chapéu de couro semelhante ao usado por Lampião, por quem tinha grande admiração, e um gibão de couro), inspiração vinda do artista Pedro Raimundo que já se apresentava com trajes típicos da identidade gaúcha nos programas de rádio da época. Em 1944, é contratado pela Rádio Nacional, onde o então radialista Paulo Gracindo divulgou seu apelido "Lua", uma referência a seu rosto redondo e rosado. São nas emissoras de rádio que os artistas da época se projetavam para o cenário fonográfico nacional, pois as rádios e gravadoras eram os principais veículos de divulgação dos estilos musicais e promoviam a fama dos músicos nos famosos shows de calouros.

Como instrumentista e intérprete, Gonzaga, gravou seus primeiros discos (1945), com sucessos como “Dança Mariquinha”, “Penerô xerém” e “Cortando Pano”, composições essas em parceria com o ferroviário fluminense Miguel Lima. Desejando dar um caráter mais nordestino a suas produções, Gonzaga procurou o maestro e compositor Lauro Maia para que este colocasse letras em suas melodias. Porém, Maia, achou por bem apresentar-lhe seu cunhado, o advogado cearense Humberto Cavalcanti Teixeira (1915-1979), com quem Luiz Gonzaga viria a compor alguns dos seus maiores sucessos, tendo ao seu lado uma parceria muito promissora. No primeiro encontro eles compuseram “No meu pé de serra”, ressignificando assim um dos gêneros mais antigos, o baião, despertando na dupla o interesse pelo ritmo de paisagem folclórica, por também ser um estilo de raiz surgido no bojo da cantoria de viola dos repentistas de feira livre, e principalmente, por representar, o símbolo da nordestinidade para um mercado fonográfico em expansão. Como instrumentista idealizou uma tríade instrumental para dar vida ao baião e derivados do gênero, composta pela zabumba (surdo de marcação das bandas de pífano comuns nos reisados do sertão), pelo triângulo (instrumento de ferro retorcido de som estridente que lembrava as matracas das procissões religiosas e dos pregoeiros de feira) e pela sanfona de fole que aprendeu a tocar com seu pai nos festejos nordestinos. Nesse mesmo contexto de vida, nasceu seu filho Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (o Gonzaguinha), fruto de uma relação com a cantora Odaléia Guedes dos Santos.

Em 1946, o conjunto *Quatro Ases e um Coringa*, da Odeon, acompanhado pela sanfona de Luiz Gonzaga, gravou a segunda parceria de Gonzaga e Humberto Teixeira, a música “Baião”, emplacando seu primeiro grande sucesso nas rádios de todo o país. Depois de 16 anos, Gonzaga (já conhecido nacionalmente) volta à sua terra, Exu. E, no

retorno para o Rio, passa pela primeira vez no Recife, participando de vários programas de rádio e de muitas festas do interior. No ano seguinte, gravou a toada-baião “Asa Branca”, em parceria com Humberto Teixeira (que ficaria conhecido como o ‘Doutor do Baião’), música inspirada na tradição oral nordestina. Fruto dessa parceria ainda surgiriam vários hits de apelo popular, tais como *Juazeiro, Paraíba, Qui Nem Jiló, Baião de Dois, Assum Preto, Léngua tirana, Estrada de Canindé e Respeita Januário*.

Na Rádio Nacional conheceu a contadora Helena das Neves Cavalcanti, e a contrata para ser sua secretária artística. Rapidamente o namoro aconteceu, e no dia 16 de junho de 1948, casaram-se no Rio de Janeiro, e passam a morar juntos, no bairro de Cachambi, com quem adota uma criança: Rosa Maria, a Rosinha. Nesse mesmo ano, aconteceu no Recife, o primeiro encontro de Gonzaga com o médico pediatra pernambucano José de Souza Dantas Filho (1921-1962), o Zé Dantas (um dos seus maiores parceiros musicais). Dessa parceria com Zédantas, um profundo conhecedor do folclore e da cultura nordestina, nasceriam canções com grande valor artístico e com uma criatividade singular misturando tiradas jocosas de ironia e de crítica social, à exemplo, de *Xote das Meninas, Vem Morena, Cintura Fina, A Volta da Asa Branca, Riacho do Navio, Sabiá, Derramaro o Gai, ABC do Sertão, Noites Brasileiras e Siri Jogando Bola*. Gonzaga não foi um exímio letrista, por ter pouco estudo formal, ele se sentia inseguro nas composições, e até por conta disso as parcerias foram imprescindíveis para a sua longa carreira de sucesso. Mas, sempre dava seus pitacos na execução das letras, seja nos refrões apelativos das canções bem ao gosto popular, na sugestão de gírias, de nordestinismos ou em frases engraçadas onde o público pudesse se reconhecer nas expressões cantadas.

Um bom exemplo da explosão de criatividade que lhe é peculiar aparece na canção *Samarica parteira*, composição e arranjo magistrais de Zédantas e Luiz Gonzaga, a música é uma crônica prosaica que remonta um parto no sertão, na ambiência rítmica da narrativa acontecem vários eventos sucessivos (galope do cavalo, coaxadas dos sapos, latidos dos cachorros nas estradas e rangidos das cancelas) recriados pelos efeitos sonoros produzidos pela voz e pelo resfolengo da sanfona do Rei do Baião e sua linguagem sertaneja.

No decorrer da década de 1950, Gonzaga lançou mais de vinte músicas inéditas, a maioria em parceria com Humberto Teixeira e Zédantas, que se tornariam obras-primas do cancionário nacional, como

a música “A dança da moda”, parceria com Zédantas, que retrata a explosão do baião em todo o país. No auge da carreira, Gonzaga sofreu um grave acidente automobilístico com seus músicos, entre eles Zequinha e Catamilho, em 1951. Restabelecido do ocorrido, retoma a carreira com vários shows pelo país, gravou seus primeiros compactos e lançou seu primeiro LP de 10 polegadas pela RCA Victor, uma compilação dos discos anteriores de 78 rpm. Apresentou ao público a chamada *Patrulha de Choque Luiz Gonzaga*, trio formado por Marinês, Abdias e Chiquinho. Com o sucesso, Gonzaga passa a ser apreciado por artistas estrangeiros como a cantora japonesa Keiko Ikuta que regravou as músicas “Baião de Dois” e “Paraíba”, e também é levado pela atriz luso-brasileira Carmem Miranda para o cinema *hollyoodiano*, com o filme *Romance Carioca* (1950). Em fins dessa mesma década gravou seu primeiro LP de 12 polegadas, “Xamego”, também pela gravadora RCA Victor.

A década de 1960 começou com muita tristeza na vida de Luíz Gonzaga, morre sua mãe Santana, vitimada pela doença de Chagas, no Rio de Janeiro. Seu pai Januário, aos 71 anos, casou-se com Maria Raimunda de Jesus, 32 anos, em Exu. E, Gonzaga participou ativamente com *jingles* e pronunciamentos da campanha de Jânio Quadros à Presidência da República (que venceu às eleições e renunciaria sete meses depois de assumir o cargo). Um ano após ele entrou para os quadros da Maçonaria. E acaba sofrendo outro acidente de carro, ferindo gravemente o olho direito. Em 1963, tem sua sanfona preta roubada. A partir daí ele adota oficialmente uma sanfona branca em todos os eventos festivos e em todos os seus instrumentos aparece a expressão “É do povo”. Emplaca grandes sucessos como “A Triste Partida”, de Patativa do Assaré, que agrada aos nordestinos que vivem no eixo Sul-sudeste. E, gravou a primeira composição do seu filho Gonzaguinha, “Lembrança de Primavera”, no LP “O Sanfoneiro do Povo de Deus”. Lançou ainda a eterna “A Morte do Vaqueiro” (em parceria com Nelson Barbalho), onde reinventa numa interpretação aboiada com um campo melódico arrastado: *‘Não vem mais aboiar/ tão dolente a cantar./ tengo-lengo-tengo lengo-tengo-lengo-tengo...Ê, gado, ôoo!’*

Em 1965, na emergência do Regime Militar no Brasil, a música Asa Branca (que se tornaria quase que um hino para os nordestinos) é regravada por Geraldo Vandré em seu LP “Hora de Lutar”. Em retribuição, Gonzaga grava as composições de Vandré “Para não dizer que não falei das flores” e “Fica mal com Deus”. No ano seguinte saiu o primeiro trabalho sobre sua importância no cenário da MPB, Sinval Sá é

o autor do livro *O Sanfoneiro do Riacho da Brígida - Vida e Andanças de Luiz Gonzaga - O Rei do Baião*, e, tornou-se destaque de outras publicações como da 1ª edição da Revista Veja com a matéria *Gonzaga: a volta do Baião*. Apesar de ser acusado em acenar para o Regime ditatorial instalado no país, Gonzaga conseguiu traçar algumas críticas veladas à estrutura opressora vigente através de músicas-denúncia como “Vozes da Seca” (*‘mas doutor, uma esmola para o homem que é são ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão..’*) e “Algodão” (ambas em parceria com Zédantas, que era um compositor completo), o que lhe rendeu a alcunha de militante da alma sertaneja por protestar sobre as mazelas decorrentes da seca e levantar a voz contra os desmandos políticos ocorridos na região.

Na verdade, as criações de Gonzaga e seus parceiros constituíram, sobretudo, crônicas sobre o Nordeste, sua cultura, sua sociedade, seus modos, sua fala. E, na simplicidade do fato contado, da situação descrita, destacava-se a denúncia de um povo sofrido, mesmo que alegre e corajoso: os nordestinos. (DREYFUS, 2012, p. 190)

Entre as inúmeras parcerias que Luíz Gonzaga fez ao longo de sua travessia musical, algumas nutriu nele um apreço incondicional, foi o caso da amizade com o cantor e sanfoneiro Dominginhos (de apelido Neném). Eles se conheceram na feira de Garanhuns (1954) e se reencontraram 15 anos depois, em 1969, quando Dominginhos (que tinha saído do Trio Nordestino) ganhou uma sanfona e passou a acompanhar o já famoso ‘Rei do Baião’ nas várias andanças pelo país, sendo seu chofer e sanfoneiro por uma temporada. Tanto que Gonzaga impulsionou a carreira do seu discípulo Dominginhos e de tantos outros artistas nordestinos. Para ele: *“Dominginhos urbanizou o forró, levou-o para todas as classes, nos grandes centros urbanos, que é onde ele se apresenta. Ele não viaja pelo interior.”*

Nos anos 70, exilado em Londres, Caetano Veloso gravou “Asa Branca”, numa versão singularmente comovente. Em 1971, por iniciativa do Pe. João Câncio, e incentivo de Luiz Gonzaga e do poeta Pedro Bandeira, famoso repentista do Cariri, aconteceu a primeira Missa do Vaqueiro, no sítio Lages, na cidade de Serrita. O ato tornou-se uma homenagem a Raimundo Jacó (primo de Gonzaga), que teria sido assassinado e um tributo longo aos vaqueiros nordestinos. Em 1972,

apresentou o espetáculo "Luiz Gonzaga volta para curtir" no Teatro Teresa Raquel, no Rio de Janeiro, sob a direção de Jorge Salomão e Capinam. Apesar de consagrado no cenário musical brasileiro, Gonzaga tentou se lançar à carreira política, candidatou-se a deputado Federal pelo então partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), mas logo desistiu da empreitada ao notar o esquema da famigerada troca de favores. Em 1978, é lançado pela gravadora Copacabana o disco "Grande Música de Luiz Gonzaga", versão sinfônica de clássicos da obra do Rei do Baião. O final dessa década é muito duro, Gonzaga sofreu duplamente, pela morte do velho pai Januário, e, pela morte do parceiro, compositor, advogado e instrumentista Humberto Teixeira. Luiz Gonzaga gravou o disco "Eu e meu pai" em homenagem ao mestre Januário.

Os anos 80 começaram de uma forma muito peculiar, Luiz Gonzaga é convidado a se apresentar para o Papa João Paulo II em Fortaleza, que o agradece com um "Obrigado, Cantador!", para ele um dos momentos mais significativos de sua trajetória de sanfoneiro, na ocasião solene ele cantou *Asa Branca*, por muitos considerada o hino nacional do Nordeste. Foi uma década atravessada pela consolidação da carreira do artista, ele recebe muitas homenagens e honrarias, como a da RCA Victor reconhecendo seus 40 anos de carreira com o lançamento do disco "A Festa". Realiza shows memoráveis ao lado do seu filho Gonzaguinha, com o projeto musical "Descanso em Casa, Moro no Mundo", que rende apresentações históricas de pai e filho por todo o Brasil (é quando ele passa a ser chamado de Gonzagão). Em 82, viaja para a França apresentando-se em Paris, no teatro *Bobinot*, a convite da cantora Nazaré Pereira, que fazia sucesso com a música "Cheiro da Carolina". No ano seguinte, lança o disco "70 anos de sanfona e simpatia". Recebe o Prêmio Shell e de quebra é laureado com os seus dois primeiros Discos de Ouro pelo LP "Danado de Bom". É um período frutífero para reconhecer amigos e fazer parcerias, à exemplo, da homenagem que fez a Jackson do Pandeiro no disco "Profana" de Gal Costa, grava dois discos com Raimundo Fagner e regrava "Luar do Sertão", em um inesquecível dueto com Milton Nascimento, o Bituca.

No ano de 1985, Gonzagão recebe o prêmio "Nipper de Ouro", homenagem internacional da RCA, a um dos grandes artistas da história da gravadora. Luiz Gonzaga recebe dois discos de ouro pelo LP *Sanfoneiro Macho* e alcança o feito de conquistar o primeiro Disco de Platina de sua carreira por "Forró de Cabo a Rabo" (em 1987).

Em mais um marco para sua carreira, O Rei do Baião, participa do Festival de Música Brasileira na França “*Couleurs Brésil*”, evento que inaugura o programa *Brasil-França*. Gonzaga encerra a turnê, onde se apresentou ao lado de outros artistas brasileiros, para um público de 15 mil pessoas.

Já para o final de sua carreira, em 1988, lança o álbum “50 Anos de Chão”, com uma caixa luxuosa com cinco vinis, perfazendo toda a sua carreira desde as primeiras gravações instrumentais até a consagração com os sucessos imortalizados com sua voz inconfundível.

Em 1989, ainda encontrou fôlego para gravar os 4 últimos discos de sua carreira. Em 6 de junho do mesmo ano, sobe pela última vez num palco, no Teatro Guararapes, no Centro de Convenções no Recife, ao lado de Dominginhos, Gonzaguinha, Alceu Valença e vários outros amigos e parceiros de toda uma vida, é o caso de Belchior, Moraes Moreira e Elba Ramalho (artistas projetados por ele). No dia 2 de agosto, Luiz Gonzaga fecha as cortinas da vida, no Hospital Santa Joana, no Recife. O Governo de Pernambuco decreta luto oficial por três dias. Em 13 de dezembro (dia do seu nascimento), é inaugurado em Exu o Museu do Gonzagão pelos eternos parceiros Dominginhos e Gonzaguinha.

Por tudo que representou para a cultura brasileira, ele foi rememorado em inúmeros registros, dos literários aos cinematográficos. Mereceu ser lembrado nas últimas décadas (depois de sua morte) em eventos, tais como enredos de escolas de samba, peças teatrais e em incontáveis tributos, reedições fonográficas e coletâneas nos mais variados gêneros da MPB. E, como era de se esperar foi tema em homenagens inesquecíveis de programas de televisão, como o Fantástico (da TV Globo), que exibiu uma série no total de quatro episódios resgatando sua memória biográfica.

Por fim, sua música representou esse cantar telúrico do homem sertanejo, entoado feito pássaro solto e sofrido que cortou o céu do país e (re)inventou o ‘Nordeste profundo’ em suas camadas mais abissais, traduzindo com sua voz cheia e ressonante, tal qual um aboio intermitente, o imaginário do Sertão gonzagueano.

REFERÊNCIAS:

ALBIN, Ricardo Cravo. **O livro de ouro da MPB**: a história de nossa música popular de sua origem até hoje. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2003.

TAVARES, Braulio. A Linguagem poética de Luiz Gonzaga. **Carta na Escola**, São Paulo, 73^o Edição. p. 49 – 51p, 02, 2013.

DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante**: a saga de Luiz Gonzaga. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ECHEVERRIA, Regina. **Gonzaguinha e Gonzagão** – uma história brasileira. São Paulo: Leya, 2012.

LUIZ GONZAGA. Site oficial do artista. Disponível em: < <http://www.luizluagonzaga.com.br/> >. Acesso em: 28 jan. 2013.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo**: 85 anos de músicas brasileiras (vol. 1: 1901-1957). São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Ouvido Musical).

SOUZA, Tárik de. **Luiz Gonzaga**. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2010. Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira, v. 10.

TATIT, Luiz, **O cancionista**. Composição de canções no Brasil. SP, Edusp, 1996.

SOUZA, Tárik de. De Matuto a mito. **Carta na Escola**, São Paulo, 73^o Edição. p. 46 – 48p, 02, 2013.

ARTIGOS

A INFLUÊNCIA DA DIABETES NA VIDA CONTEMPORÂNEA

Catarina Reinoso Barreto

Ana Luísa Dantas Mondego Moreira

Introdução:

A diabetes está presente em várias pessoas, neste trabalho vamos mostrar como ela afeta o corpo, como evitar e como ela pode influenciar a vida dos pacientes.

Para isso nos baseamos em autores como Santos 2021, Gois 2023, Bernal 2015, Martinez 2015 e Oliveira 2013.

Podemos afirmar, com base nestes autores, que por mais que os números de casos de diabetes tenham diminuído, ainda é um número significativo, pois muitas pessoas não tem conhecimento sobre a doença.

Segundo evidencias, podemos afirmar também que, a partir dos 43 anos os casos de diabetes mellitus (DM) são mais frequentes, do que em crianças e adolescentes.

Mas uma das formas de adquirir diabetes mellitus é por conta da genética, fazendo com que a criança já nasça com a doença.

Capítulo 1

Diabetes é facilmente explicado pelo acesso de açúcar (Glicemia)

no sangue. Ela é uma síndrome metabólica decorrente da falta de insulina ou da incapacidade ou da falta de insulina exercer adequadamente seus efeitos, caracterizando altas taxa de açúcar no sangue (hiperglicemia) de forma permanente.

A insulina é um hormônio fundamental para o controle da glicose no sangue, permitindo que as células absorvam essa glicose para ser usada como energia.

A diabetes tem vários tipos sendo os mais comuns a diabetes tipo 1, diabetes tipo 2 e a diabetes gestacional. A diabetes tipo 1 ocorre quando o sistema imunológico destrói as células do pâncreas responsáveis por produzir insulina. Isso faz com que a pessoa não consiga produzir insulina suficiente, precisando de insulina externa (via injeções) para controlar a glicose. Já a diabetes tipo 2 é mais comum em

adultos, especialmente aqueles com sobrepeso ou obesidade, e ocorre quando o corpo não usa a insulina adequadamente.

Na Diabetes Mellitus Tipo 1 acarreta a destruição de células beta pancreáticas causando a deficiência de insulina no organismo. Essa destruição das células beta pode ser mediada por autoimunidade, mas também acontece de forma idiopática, isto é, não tem relação com o processo autoimune. A Diabetes Mellitus Tipo 2 se caracteriza pelo defeito progressivo na ação e secreção da insulina, tornando o paciente insulino dependente (BERNAL, 2015, p.16)

A diabetes gestacional ocorre durante a gravidez e é caracterizada por níveis elevados de glicose no sangue. Ela afeta cerca de 7% das gestantes e, muitas vezes, desaparece após o parto. No entanto, as mulheres que tiveram diabetes gestacional têm maior risco de desenvolver diabetes tipo 2 mais tarde. Neste caso a mulher e o bebê tem risco de ter diabetes posteriormente. Durante a gravidez, os hormônios podem dificultar a ação da insulina, fazendo com que o corpo da mãe tenha dificuldade em controlar os níveis de glicose.

A diabetes é uma doença muito famosa mas que muita gente não entende sua gravidade, como disse BERNAL em 2015

Devido ao grande número de pessoas portadoras de diabetes mellitus e sua grande morbimortalidade, a DM é uma doença importante e de grande impacto na vida produtiva, onera a previdência social e contribui para a continuidade do ciclo vicioso da pobreza e da exclusão social (BERNAL, 2015, p.16)

Muitas pessoas não sabem da taxa de mortalidade da doença, o que nos leva para o nosso próximo capítulo.

Capítulo 2

Como já falamos na introdução a parte de 43 anos os casos de diabetes mellitus (DM) aumentam drasticamente. Mas ocorre também em pessoas obesas. Porém, atualmente atingiu jovens de maus hábitos alimentares, sedentarismo e estresse na vida urbana.

Segundo a Organização Mundial de Saúde em estudos recentes, o consumo habitual de alimentos é um dos principais fatores relacionados a doenças crônicas, doenças não transmissíveis e pode ser modificado, já que existe uma associação entre o ganho de peso, obesidade abdominal, sedentarismo e o desenvolvimento de Diabetes Mellitus.” (BERNAL, 2015, p.19)

Mas por que a criança já nasce com a DM?

O sistema imunológico da criança ataca as células do pâncreas que são as responsáveis por produzir insulina. Sem a insulina suficiente, o açúcar se acumula no sangue causando os sintomas da diabetes mellitus. A causa não é totalmente conhecida, mas geralmente o fator genético envolvido (isso é, se alguém da família do bebe tiver diabetes mellitus aumento muito o risco). Ou infecções podem causar este problema.

E como o adulto adquire essa doença? Tem os fatores (como já dissemos várias vezes) o sedentarismo, a falta de atividade física regularmente, alimentação inadequada (dietas ricas em gordura, açúcar e carboidratos), obesidade: o acúmulo de gordura pode afetar a forma como o corpo utiliza a insulina, idade avançada, históricos familiares e etc

Estudos indicam resultados satisfatórios na redução dos níveis glicêmicos e incidência da resistência insulínica por meio da adesão de hábitos alimentares saudáveis, prática de exercício físico e redução do peso corporal de sujeitos participantes de programas educacionais de prevenção do diabetes (SANTOS. 2021, p.13)

Capítulo 4

Na diabetes podemos ter várias complicações, de acordo com o tipo e o grau da doença. Alguns dos que eu vou falar são bem famosos no mundo e outros nem tanto.

Vamos começar com as de curto prazo: Hipoglicemia, isto é, quando o nível de glicose cai demais, podendo causar tremeadeira, suor, confusões e até comas. Cetoacidose diabética: Em casos graves de diabetes tipo 1, o corpo produz ácidos perigosos devido à falta de insulina, causando respiração acelerada, náuseas e até coma (sendo

muito parecido com o anterior). Estado hiperosmolar hiperglicêmico (EHH): Um aumento extremo da glicose no sangue em diabetes tipo 2, causando desidratação e confusão mental.

Temos também os de caos longos, que são (a maioria dos casos) bem mais graves. Doenças cardiovasculares: Maior risco de infarto, acidente vascular cerebral (AVC) e problemas arteriais devido aos danos nos vasos sanguíneos, isto sendo na maior parte das vezes um grande risco para o paciente se ele fizer alguma coisa “fora do padrão”. Pé diabético: Danos nos pés devido à má circulação e neuropatia, aumentando o risco de infecções e até amputações. Retinopatia diabética: Danos à retina, que podem resultar em perda de visão.

Atualmente está evidente que os indivíduos com alto risco podem prevenir, ou pelo menos retardar o aparecimento do diabetes tipo 2. Estudo recente mostrou que mudanças no estilo de vida reduziram 58% da incidência de diabetes em 3 anos. (MARTINEZ, 2015, p.19)

Demos vários outros, mas se fosse para listar passaríamos o dia todo lendo. E presumo que esses sejam os principais ocorridos no Brasil e no mundo inteiro. Tendo casos de morte por conta de alguns riscos.

Capítulo 5

Como já dissemos a vários tipos de diabetes. Vários delas graves. Mas diabetes tem cura?

Diabetes não tem cura, mas pode ser controlada com tratamento adequado. Existem dois tipos principais: tipo 1 e tipo 2.

Diabetes tipo 1: O corpo não produz insulina, e as pessoas com esse tipo de diabetes precisam tomar insulina todos os dias para controlar os níveis de glicose no sangue. Isso não é causado por um vírus, mas por uma resposta autoimune que ataca as células do pâncreas que produzem insulina.

Diabetes tipo 2: O corpo ainda produz insulina, mas não a utiliza de maneira eficaz. Isso pode ser gerido com mudanças no estilo de vida, como dieta, exercício, e, em alguns casos, medicamentos. Em casos mais graves, pode ser necessário o uso de insulina.

Em relação ao consumo de doces, a chave é o equilíbrio. Você ainda pode comer doces, mas é importante controlar a quantidade e

considerar o impacto no controle da glicose. Alimentos ricos em açúcares podem causar picos de glicose no sangue, então é essencial monitorar sua alimentação e trabalhar com um médico ou nutricionista para ajustar sua dieta de forma que se encaixe nas necessidades do seu corpo. Lembre-se de que a quantidade, a frequência e o tipo de doce (preferir opções com menos açúcar ou carboidratos) são fatores importantes.

Em resumo, embora a diabetes não tenha cura, ela pode ser bem controlada, e é possível comer doces com moderação, dependendo de como a pessoa gerencia sua alimentação e tratamento.

Foi evidenciado no diagnóstico realizado que os pacientes atendidos na UBS com Diabetes não têm conhecimentos apropriados sobre a doença e muitos não fazem controle periódico da mesma. (MARTINEZ, 2015, p.13).

Conclusão

Diabetes Mellitus (DM) é uma síndrome metabólica caracterizada por altos níveis de glicose no sangue (hiperglicemia), devido à falta de insulina ou à resistência à sua ação. A **insulina** é essencial para o controle da glicose, permitindo que as células a utilizem como energia.

Tipos de Diabetes:

1. **Tipo 1:** O sistema imunológico destrói as células do pâncreas responsáveis por produzir insulina, exigindo a administração de insulina externa.
2. **Tipo 2:** O corpo não usa a insulina de forma eficiente, e é comum em adultos com sobrepeso ou obesidade.
3. **Gestacional:** Ocorre durante a gravidez, resultando em glicose elevada no sangue. Pode desaparecer após o parto, mas aumenta o risco de diabetes tipo 2 no futuro.

Causas e Fatores de Risco:

- **Tipo 1:** Fatores genéticos e possíveis infecções que afetam o sistema imunológico.

- **Tipo 2:** Sedentarismo, alimentação inadequada, obesidade, idade avançada e histórico familiar são os principais fatores.

Prevenção e Controle: Mudanças no estilo de vida, como alimentação saudável, exercícios físicos regulares e controle de peso, podem ajudar a prevenir e controlar a diabetes tipo 2.

Complicações:

1. **Curto prazo:** Hipoglicemia (baixo nível de glicose), cetoacidose diabética (acúmulo de ácidos no sangue) e estado hiperosmolar hiperglicêmico (desidratação grave e confusão mental).
2. **Longo prazo:** Doenças cardiovasculares, neuropatia (danos aos nervos), retinopatia (problemas de visão) e pé diabético (infecções e amputações).

Tratamento:

- **Tipo 1:** Exige o uso diário de insulina.
- **Tipo 2:** Pode ser controlado com dieta, exercício e, em alguns casos, medicamentos. Em casos graves, o uso de insulina também pode ser necessário.

Embora a diabetes não tenha cura, ela pode ser controlada adequadamente, permitindo uma boa qualidade de vida. O consumo de doces pode ser feito com moderação, desde que monitorado e ajustado ao tratamento.

Referências:

BERNAL, Aylin. Adesão ao tratamento de diabetes mellitus em pacientes na unidade básica de saúde do recreio do retiro no município Esmeraldas. Minas Gerais, 2015

GOIS, José. Fatores associados às internações por condições sensíveis à atenção primária relacionadas à Diabetes Mellitus em Sergipe. Sergipe, 2023.

MARTINEZ, Carlos. Plano de intervenção para melhorar o controle dos pacientes com diabetes mellitus na UBS Samambaia. Minas Gerais, 2015.

OLIVEIRA, Juliana. Melhorando o diagnósticos e o acompanhamento dos pacientes com diabetes mellitus em uma área de abrangência. Minas Gerais, 2013

SANTOS, Thaís. Estilo de vida e estado nutricional de indivíduos portadores de diabetes mellitus tipo 2. São Cristóvão, 2021.

FRONTEIRAS ENTRE HUMANIDADE E TECNOLOGIA: A ÉTICA DA IA NO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL

Felipe Jovino dos Santos¹

Resumo

A inteligência artificial (IA) tem remodelado a sociedade, influenciando áreas como cultura, mercado de trabalho e direitos individuais. Este artigo analisa os desafios éticos da IA, abordando questões como viés algorítmico, transparência e privacidade. Além disso, discute os impactos da IA na criatividade e na curadoria de conteúdo, destacando a necessidade de regulamentação ética e inclusão digital para um desenvolvimento responsável da tecnologia.

Palavras-chave: Inteligência artificial, ética, impacto social, cultura digital, regulamentação.

Abstract

Artificial intelligence (AI) has reshaped society, influencing culture, labor markets, and individual rights. This paper analyzes AI's ethical challenges, addressing issues such as algorithmic bias, transparency, and privacy. It also discusses AI's impact on creativity and content curation, emphasizing the need for ethical regulation and digital inclusion for responsible technology development.

Keywords: Artificial intelligence, ethics, social impact, digital culture, regulation

¹ Felipe Jovino é bacharel em Sistemas de Informação pelo Instituto Federal de Sergipe, pesquisador em IA e sistemas embarcados. Atuo no LABIC, desenvolvendo projetos em aprendizado de máquina e eletrônica. Participou da Mostra Nacional de Robótica 2023 e 2024 e publicou estudos sobre acesso à tecnologia. Seu foco é a interseção entre computação e inovação.

Introdução

A relação entre humanidade e tecnologia tem se intensificado nas últimas décadas, especialmente com o advento da inteligência artificial (IA). A IA não apenas transforma processos industriais e comerciais, mas também influencia profundamente as interações sociais, culturais e éticas. Nesse contexto, torna-se crucial discutir as implicações éticas associadas ao desenvolvimento e à implementação da IA, considerando seu impacto na sociedade e na cultura.

Justificativa

A crescente presença da IA em diversos setores suscita preocupações relacionadas à privacidade, à autonomia e à justiça. Algoritmos de IA podem refletir e perpetuar estigmas existentes na sociedade, como discriminação racial, de gênero e socioeconômica (TI Inside, 2023). Além disso, a opacidade de alguns sistemas de IA dificulta a compreensão de suas decisões, levantando questões sobre transparência e responsabilidade. Portanto, é imperativo analisar como a ética pode e deve orientar o desenvolvimento da IA para garantir que seus benefícios sejam equitativamente distribuídos e que os riscos sejam minimizados.

Estudos demonstram que algoritmos de IA podem amplificar preconceitos existentes na sociedade. Por exemplo, sistemas de reconhecimento facial frequentemente apresentam taxas de erro mais altas para indivíduos de pele mais escura, refletindo vieses presentes nos dados de treinamento (MIGALHAS, 2023). Além disso, algoritmos utilizados em processos seletivos podem favorecer candidatos de determinados grupos demográficos, perpetuando desigualdades (IBM, 2023). Esses casos evidenciam a necessidade de desenvolver sistemas de IA mais transparentes e equitativos, com dados de treinamento diversificados e representativos.

Objetivo do Artigo

Este artigo tem como objetivo analisar os principais desafios éticos relacionados à inteligência artificial e discutir seu impacto nas estruturas sociais e culturais. Busca-se identificar como a IA pode tanto reforçar desigualdades existentes quanto servir como ferramenta para promover a inclusão e a justiça social. Além disso, pretende-se explorar diretrizes e recomendações que possam orientar a criação e a aplicação de sistemas de IA alinhados a valores éticos e direitos humanos.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma revisão de literatura abrangente, contemplando artigos acadêmicos, relatórios institucionais e documentos normativos que abordem a ética na inteligência artificial. Serão analisados estudos de caso que exemplifiquem tanto os riscos quanto as oportunidades associadas ao uso da IA em diferentes contextos sociais e culturais. A pesquisa também considerará frameworks e recomendações estabelecidos por organizações internacionais, como a UNESCO, que aprovou a "Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial" em 2021, visando orientar políticas e práticas responsáveis no uso da IA (UNESCO, 2021).

Desenvolvimento

A Ética da IA: Conceitos e Desafios

A ética na inteligência artificial (IA) refere-se ao conjunto de princípios e valores que orientam o desenvolvimento e a aplicação de sistemas de IA, assegurando que suas operações estejam alinhadas com os direitos humanos, a justiça e o bem-estar social (UNESCO, 2021). Entre os dilemas éticos mais comuns estão o viés algorítmico, que pode perpetuar preconceitos existentes; a transparência, relacionada à dificuldade de compreender e explicar as decisões tomadas por sistemas de IA; e a responsabilidade, que diz respeito à atribuição de culpa em casos de falhas ou danos causados por esses sistemas (Cortina, 2024).

A aplicação da Inteligência Artificial no setor de saúde traz benefícios significativos, como diagnósticos mais precisos e tratamentos personalizados. Contudo, também apresenta desafios éticos notáveis. A proteção de dados sensíveis dos pacientes é uma preocupação central, exigindo que as organizações de saúde implementem medidas rigorosas de segurança para evitar violações de privacidade (Medicina S/A, 2023). Além disso, a transparência nos algoritmos de IA é crucial para garantir que profissionais de saúde e pacientes compreendam as bases das decisões clínicas, promovendo confiança nos sistemas automatizados (Exame, 2023). A responsabilidade por erros decorrentes do uso da IA também é um tema em debate, destacando a necessidade de diretrizes claras sobre a atribuição de culpa em casos de falhas (Boehringer Ingelheim, 2023).

Abordagens filosóficas divergem sobre a possibilidade de a IA possuir ética própria. Alguns estudiosos argumentam que, por serem criações humanas, os sistemas de IA devem refletir os valores e princípios de seus desenvolvedores. Outros defendem que, à medida que a IA se torna mais autônoma, é necessário considerar a implementação de uma ética intrínseca às máquinas para garantir comportamentos alinhados aos interesses humanos (Frischmann & Selinger, 2018).

IA e Sociedade: Impactos Positivos e Negativos

A IA tem o potencial de transformar diversos setores da sociedade. Na saúde, por exemplo, sistemas inteligentes auxiliam no diagnóstico precoce de doenças e na personalização de tratamentos (EximiaCo, 2023). No entanto, a automação promovida pela IA também levanta preocupações sobre o futuro do trabalho, com a possibilidade de substituição de empregos tradicionais por máquinas, o que pode ampliar a desigualdade social e econômica.

A crescente automação impulsionada pela Inteligência Artificial está redefinindo o mercado de trabalho global. Enquanto a IA assume tarefas repetitivas e operacionais, há uma preocupação crescente sobre a substituição de empregos tradicionais por sistemas automatizados, o que pode exacerbar desigualdades socioeconômicas (El País, 2025). Entretanto, a IA também cria novas oportunidades, demandando profissionais com habilidades em áreas como ciência de dados, aprendizado de máquina e ética tecnológica. A adaptação a esse novo cenário requer investimentos em educação e requalificação profissional, preparando a força de trabalho para as exigências de uma economia cada vez mais digitalizada.

O aumento da implementação de sistemas de IA em diversas esferas da sociedade tem levantado preocupações significativas relacionadas à privacidade e à vigilância. Tecnologias como o reconhecimento facial e a análise preditiva são frequentemente utilizadas para monitorar e coletar dados pessoais, muitas vezes sem o consentimento explícito dos indivíduos envolvidos (PwC Portugal, 2023). Além disso, a capacidade da IA de processar grandes volumes de informações em tempo real facilita práticas de vigilância em massa, potencialmente comprometendo liberdades civis e direitos fundamentais (KPMG, 2023). Casos recentes demonstram que a utilização inadequada dessas tecnologias pode levar a violações de

privacidade e uso indevido de dados pessoais, destacando a necessidade urgente de regulamentações que protejam os cidadãos contra abusos e garantam a transparência no uso de sistemas de IA (El País, 2025).

Neste sentido, a crescente utilização da IA em sistemas de vigilância suscita debates sobre privacidade e direitos civis. A capacidade de monitoramento em larga escala pode levar a práticas invasivas, comprometendo liberdades individuais e potencialmente instaurando sociedades de controle (Jornal da USP, 2024).

IA e Cultura: Criatividade ou Ameaça?

No âmbito cultural, a IA tem sido utilizada na criação artística, gerando obras de arte, composições musicais e textos literários. Enquanto alguns veem essas ferramentas como meios de amplificar a criatividade humana, outros temem que a proliferação de conteúdos gerados por máquinas possa levar à homogeneização cultural e à diminuição do valor da criatividade humana (El País, 2024).

A influência da IA na curadoria de conteúdo também é significativa. Algoritmos determinam quais músicas ouvimos, quais filmes assistimos e quais notícias lemos, moldando nossas preferências e, potencialmente, limitando nossa exposição a uma diversidade cultural mais ampla (El País, 2024). Essa dinâmica levanta questões sobre a autonomia do indivíduo na escolha de conteúdos e sobre o papel da IA na formação de culturas homogêneas.

A Inteligência Artificial (IA) está revolucionando o campo educacional, oferecendo ferramentas que personalizam o aprendizado e otimizam a experiência dos alunos. Sistemas de IA podem adaptar o conteúdo às necessidades individuais, permitindo que cada estudante avance em seu próprio ritmo (Santa Marcelina, 2023). Além disso, a IA auxilia na criação de ambientes de aprendizagem colaborativa, utilizando técnicas de mineração de dados para monitorar o comportamento dos alunos e ajustar as estratégias pedagógicas conforme necessário (Observatório de Educação, 2023). No entanto, a implementação da IA na educação também levanta questões éticas, especialmente relacionadas à privacidade dos dados dos alunos e à potencial redução da interação humana no processo de ensino (Educativo, 2023).

Deste modo, a integração da IA na produção artística tem gerado debates sobre originalidade e autoria. Algoritmos capazes de gerar obras de arte, compor músicas e escrever textos levantam

questões sobre a autenticidade dessas criações e o papel do artista humano (IG TECNOLOGIA, 2024). Embora a IA possa servir como ferramenta para potencializar a criatividade, fornecendo novas perspectivas e ideias, há preocupações de que sua utilização excessiva possa levar à homogeneização cultural, onde conteúdos se tornam padronizados devido à influência dos algoritmos (EL PAÍS, 2024). Portanto, é crucial encontrar um equilíbrio que permita à IA auxiliar no processo criativo sem suprimir a diversidade e a individualidade artística.

Conclusão

A inteligência artificial (IA) tem se consolidado como um dos pilares centrais da sociedade contemporânea, impactando de maneira significativa as relações humanas, a cultura e o mercado de trabalho. Ao longo deste artigo, foram discutidos os desafios éticos que emergem do desenvolvimento da IA, como o viés algorítmico, a transparência nas decisões automatizadas e a responsabilidade sobre suas ações. Também foram analisadas as implicações sociais e culturais da IA, desde sua influência na automação do trabalho e na privacidade individual até sua crescente participação na produção artística e na curadoria de conteúdo digital.

Diante dessas questões, torna-se evidente a necessidade de regulamentações e diretrizes éticas para garantir que o avanço da IA ocorra de forma responsável. A ausência de normas claras pode levar ao uso indevido da tecnologia, resultando em desigualdades sociais, desinformação e restrição de liberdades individuais. Algumas iniciativas internacionais, como as diretrizes da UNESCO (2021) e os esforços regulatórios da União Europeia com a AI Act, já apontam caminhos para um desenvolvimento mais ético e sustentável da IA, priorizando a transparência, a segurança e a equidade.

Para um futuro mais equilibrado, é essencial que governos, empresas e a comunidade acadêmica colaborem na formulação de políticas públicas que regulamentem o uso da IA, garantindo que ela sirva ao bem-estar social e respeite os direitos fundamentais. Além disso, o desenvolvimento de tecnologias mais transparentes e explicáveis deve ser incentivado, assegurando que os usuários compreendam como os sistemas de IA tomam decisões. Por fim, promover a inclusão digital e a alfabetização em IA são passos

fundamentais para que a sociedade esteja preparada para lidar com essa revolução tecnológica de maneira consciente e crítica.

Referências

TI Inside. (2023). O impacto social da inteligência artificial: democratização de serviços e questões éticas. Disponível em <https://tiinside.com.br/20/06/2023/o-impacto-social-da-inteligencia-artificial-democratizacao-de-servicos-e-questoes-eticas/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MIGALHAS. Viés algorítmico e discriminação: IA pode amplificar vieses sociais. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/415125/vies-algoritmico-e-discriminacao-ia-pode-amplificar-vieses-sociais>. Acesso em: 17 fev. 2025.

IBM. O que é viés de IA? 2023. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/ai-bias>. Acesso em: 11 fev. 2025.

UNESCO. (2021). Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por. Acesso em: 20 fev. 2025.

El País. (2025). La inteligencia artificial revolucionará la educación (para bien). Disponível em: <https://elpais.com/opinion/2025-02-07/la-inteligencia-artificial-revolucionara-la-educacion-para-bien.html>. Acesso em: 9 fev. 2025.

PwC Portugal. (2023). A inteligência artificial e a privacidade de dados. Disponível em: <https://www.pwc.pt/pt/sala-imprensa/artigos-opiniao/2023/inteligencia-artificial-privacidade-dados.html>. Acesso em: 7 fev. 2025.

KPMG. (2023). O desafio da privacidade em um mundo com crescente uso de IA. Disponível em: <https://kpmg.com/br/pt/home/insights/2023/12/desafio-privacidade-mundo-crescente-uso-ia.html>. Acesso em: 23 fev. 2025.

El País. (2025). DeepSeek não é um jogo: o perigo para a privacidade da nova IA chinesa. Disponível em: <https://elpais.com/tecnologia/2025-01-30/deepseek-nao-e-um-jogo-o-perigo-para-a-privacidade-da-nova-ia-chinesa.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CORTINA, A. Me parece sumamente peligroso decir que la IA puede solucionarlo todo. 2024. Disponível em: <https://elpais.com/tecnologia/2024-10-11/adela-cortina-filosofa-me-parece-sumamente-peligroso-decir-que-la-ia-puede-solucionarlo-todo.html>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Medicina S/A. (2023). Desafios éticos no uso da Inteligência Artificial na Saúde. Disponível em: <https://medicinasa.com.br/desafios-eticos-ia/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

Exame. (2023). Inteligência artificial na saúde: benefícios e desafios. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/inteligencia-artificial-na-saude-beneficios-e-desafios/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

Boehringer Ingelheim. (2023). Ética e regulamentações da IA na saúde. Disponível em: <https://pro.boehringer-ingelheim.com/br/newscenter/inteligencia-artificial-etica-e-regulamentacoes-na-saude>. Acesso em: 7 fev. 2025.

EL PAÍS. Como o algoritmo arruinou seu bar favorito: estamos condenados a que tudo se pareça com tudo? 2024. Disponível em: <https://elpais.com/icon/2024-11-30/como-el-algoritmo-ha-arruinado-tu-bar-favorito-estamos-condenados-a-que-todo-se-parezca-a-todo.html>. Acesso em: 13 fev. 2025.

IG TECNOLOGIA. Inteligência Artificial: a nova fronteira da criatividade humana. 2024. Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/colunas/jorge-muzy/2024-10-15/inteligencia-artificial-a-nova-fronteira-da-criatividade-humana.html>. Acesso em: 12 fev. 2025.

EL PAÍS. Como o algoritmo arruinou seu bar favorito: estamos condenados a que tudo se pareça com tudo? 2024. Disponível em: <https://elpais.com/icon/2024-11-30/como-el-algoritmo-ha-arruinado-tu-bar-favorito-estamos-condenados-a-que-todo-se-parezca-a-todo.html>. Acesso em: 17 fev. 2025.

Santa Marcelina. (2023). O impacto da inteligência artificial na educação. Disponível em: <https://www.santamarcelina.edu.br/colegio/blog/o-impacto-da-inteligencia-artificial-na-educacao/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

Observatório de Educação. (2023). Inteligência Artificial | Em Debate. Disponível em:

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/inteligencia-artificial-na-educacao>. Acesso em: 8 fev. 2025.

Educacional. (2023). Inteligência Artificial na educação: benefícios e desafios. Disponível em: <https://site.educacional.com.br/artigos/impactos-da-inteligencia-artificial-na-educacao>. Acesso em: 6 fev. 2025.

EXIMIACO. Os impactos da IA no futuro da sociedade. 2023. Disponível em: <https://eximia.co/insights/os-impactos-da-ia-no-futuro-da-sociedade/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FRISCHMANN, B.; SELINGER, E. Re-engineering Humanity. Cambridge University Press, 2018.

JORNAL DA USP. Impactos estruturais da inteligência artificial na democracia e nos direitos humanos. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/impactos-estruturais-da-inteligencia-artificial-na-democracia-e-nos-direitos-humanos/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ABUSO DE DROGAS: NEURODESENVOLVIMENTO, ADOLESCÊNCIA, SAÚDE MENTAL E IMPACTOS NA SOCIEDADE

Flávio Carvalho Morais Menezes

Juan Ferreira Goes Baptista Diniz

1. Introdução

A adolescência representa um período crucial na vida de todo ser humano, caracterizado por uma intensa neuroplasticidade dos circuitos pré-frontais, o que resulta no aprimoramento das habilidades cognitivas, como raciocínio abstrato, concentração e aprendizado. Além disso, esse período é marcado por um desenvolvimento significativo em diversas áreas da vida do indivíduo, o que desperta o interesse por novas experiências e estabelece impactos de longo prazo.

O córtex órbito-frontal, responsável pelo controle de impulsos e pela capacidade de antecipar as consequências das ações, encontra-se em fase de desenvolvimento durante a adolescência. Esse processo de maturação contribui para uma tendência a decisões impulsivas, frequentemente associadas ao uso de álcool e drogas ilícitas. Esse comportamento, por sua vez, pode estar relacionado a fatores familiares, comprometendo a saúde mental do adolescente devido ao uso de substâncias psicoativas. Dessa forma, há uma correlação evidente entre o desenvolvimento dessa área cerebral e o comportamento impulsivo dos adolescentes, com base nos resultados observados em indivíduos nessa faixa etária, explicando, assim, a propensão a comportamentos inconsequentes.

Este estudo tem como objetivo comprovar os aspectos biológicos, neurais e sociais que evidenciam a relação entre o neurodesenvolvimento e o abuso de drogas. Ao demonstrar essa relação, busca-se evidenciar os impactos sociais desses elementos no desenvolvimento neurológico do indivíduo, considerando a etapa da vida em que se encontram e os efeitos de longo prazo das substâncias, que podem ser permanentes.

Consequentemente, esta pesquisa se baseia em fatores biológicos, neurais e sociais para compreender o impacto desse período da vida. Através de estudos, objetiva-se entender a percepção dos

adolescentes sobre drogas, além de promover uma compreensão mais aprofundada sobre os riscos e processos que ocorrem durante essa fase, considerando também a influência de fatores externos. Os resultados demonstram os impactos acadêmicos e sociais de longo prazo.

2. Abuso de Drogas

O abuso de drogas constitui um dos problemas de saúde pública mais complexos e persistentes em sociedades contemporâneas, abrangendo diferentes faixas etárias, classes sociais e regiões geográficas. As drogas, substâncias que alteram o funcionamento do organismo, afetam de forma direta o sistema nervoso central, impactando a percepção, o comportamento e a saúde física e mental dos indivíduos. Essa questão é multifacetada, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, que são amplamente influenciados pelo contexto cultural e pelas políticas de controle e prevenção de cada país.

O uso inadequado e compulsivo de substâncias psicoativas, principalmente entre os jovens, tem gerado preocupações adicionais. Estudos indicam que o abuso de drogas na adolescência pode ter efeitos prejudiciais profundos e duradouros no desenvolvimento cerebral, interferindo nas capacidades cognitivas e emocionais e aumentando o risco de dependência na vida adulta. A associação entre o uso precoce de drogas e o surgimento de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, também reforça a necessidade de estratégias eficazes de prevenção e tratamento.

Este capítulo pretende abordar as principais características das drogas e o impacto de seu uso abusivo, com um enfoque especial na vulnerabilidade dos adolescentes. Ao explorar a relação entre adolescência e abuso de drogas, busca-se contribuir para o entendimento de fatores de risco e proteção, auxiliando na formulação de políticas e práticas de prevenção adequadas para essa faixa etária.

2.1 O Que são Drogas

As drogas são substâncias que alteram o funcionamento do organismo, afetando o sistema nervoso central e, por consequência, a

percepção, o comportamento e a saúde física e mental dos indivíduos. Elas podem ser naturais, como as derivadas de plantas, ou sintéticas, criadas em laboratório. Desde a antiguidade, as drogas têm sido utilizadas para diversos fins, incluindo medicinais, recreativos e rituais.

Essas substâncias podem ser classificadas de diversas maneiras. Legalmente, são divididas em lícitas, cuja venda e consumo são permitidos, e ilícitas, que são proibidas. No Brasil, por exemplo, o álcool e o tabaco são considerados lícitos, embora sua venda seja restrita a maiores de 18 anos, enquanto drogas como a maconha, a cocaína e o ecstasy são categorizados como ilícitas. Essa distinção não se limita apenas à legalidade, mas também se refere aos riscos associados ao uso dessas substâncias, uma vez que as drogas ilícitas geralmente apresentam consequências mais severas para a saúde e para a sociedade

2.2 Abuso de Drogas

Entre as drogas ilícitas mais comuns, destacam-se a maconha, que pode provocar efeitos variados, como relaxamento, ansiedade e paranoia; a cocaína, que é um potente estimulante associado a problemas de saúde graves; o crack, uma forma mais intensa da cocaína; e o ecstasy, que provoca euforia e diminuição da inibição. A maconha, em particular, é alarmante, pois “O uso de maconha não medicinal apresentou uma série de alterações desde neurais a fisiológicas gerais.” (FERNANDES et al., 2022, p.1).

O abuso de drogas refere-se ao uso inadequado e compulsivo de substâncias psicoativas, levando à dependência e a sérios danos à saúde. Esse comportamento está frequentemente relacionado a consequências sociais e psicológicas devastadoras, incluindo dificuldades financeiras, conflitos familiares e problemas no desempenho escolar ou profissional. A dependência química é uma condição complexa caracterizada pela necessidade de consumir a droga para evitar os sintomas de abstinência e pela incapacidade de controlar o uso.

2.3 A Relação Entre o Abuso de Drogas e Adolescentes

A relação entre o abuso de drogas e a adolescência é particularmente preocupante. Este período é marcado por intensas

mudanças físicas e emocionais, e muitos jovens experimentam substâncias pela primeira vez nessa fase. A curiosidade, a pressão dos pares e a busca por aceitação são fatores que incentivam o uso de drogas entre os adolescentes. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2012, “A prevalência de uso de drogas entre adolescentes brasileiros foi de 12,1%, segundo os dados da PeNSE 2012.” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.52), o que evidencia a necessidade de estratégias eficazes de prevenção. Além disso, o cérebro em desenvolvimento torna os jovens mais suscetíveis aos efeitos prejudiciais das drogas, que podem impactar áreas relacionadas à tomada de decisões e ao controle emocional.

Pesquisas têm mostrado que a iniciação precoce no uso de drogas está associada a um risco elevado de desenvolver problemas de saúde mental e dependência ao longo da vida. O uso de substâncias pode prejudicar o desenvolvimento cerebral normal, resultando em dificuldades cognitivas e emocionais que podem persistir na vida adulta. Assim, a educação e a conscientização sobre os riscos do uso de drogas são fundamentais, especialmente para os jovens. O apoio familiar, o diálogo aberto e a promoção de atividades saudáveis são estratégias eficazes para prevenir o abuso de drogas entre os adolescentes.

3. Impactos do Consumo de Substâncias Psicoativas na Adolescência

A adolescência é uma fase de transição caracterizada por mudanças físicas, emocionais e cognitivas intensas, e representa um período crítico para o desenvolvimento neurológico e psicológico. No entanto, é também uma fase em que muitos jovens experimentam substâncias psicoativas (SPAs), como álcool, cannabis e outras drogas, muitas vezes influenciados pela curiosidade, pressão dos pares e busca por aceitação social. O consumo de drogas durante esse período pode trazer consequências profundas e duradouras, interferindo no desenvolvimento cerebral, comportamental e social dos adolescentes.

Este capítulo examina os principais impactos do consumo de substâncias psicoativas na adolescência, com foco nos efeitos neurológicos e neuropsicológicos, nas consequências comportamentais e sociais, e no papel do ambiente familiar na predisposição ao uso dessas substâncias. A análise inclui ainda os efeitos específicos da cannabis e a percepção dos adolescentes sobre drogas. Através do levantamento desses aspectos, busca-se compreender como o uso de

SPAs pode comprometer o desenvolvimento saudável dos jovens, enfatizando a importância de intervenções precoces e ações preventivas para mitigar tais impactos.

3.1 Efeitos Neurológicos e Neuropsicológicos

Os prejuízos em relação ao uso de álcool e drogas ilícitas na adolescência estendem-se ao longo da vida. Segundo Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004),

Os prejuízos associados ao uso de álcool estendem-se ao longo da vida. Os seus efeitos repercutem na neuroquímica cerebral, em pior ajustamento social e no retratado do desenvolvimento de suas habilidades, já que um adolescente ainda está se estruturando em termos biológicos, sociais, pessoais e emocionais. Abaixo alguns dos efeitos do uso de álcool na adolescência ao longo da vida. (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004, p.4).

Desta forma, podemos concluir que os efeitos de tais substâncias impactam negativamente o desenvolvimento cerebral e social, prejudicando o desenvolvimento de habilidades que são essenciais para o ajuste social e a maturidade emocional.

3.2 Consequências Comportamentais e Sociais

O uso de álcool por adolescentes está associado a uma série de prejuízos neuropsicológicos e outros danos cerebrais, incluindo modificações no sistema dopaminérgico, que podem levar ao vício e à dependência. Além disso, alterações no córtex pré-frontal e no sistema límbico afetam comportamentos e emoções.

A adolescência é um período crítico com grande neuroplasticidade dos circuitos pré-frontais, o que leva a um aprimoramento das habilidades cognitivas: raciocínio abstrato, concentração e aprendizado. (KINDLER, FUGITA, MARTINS, DAVANSO, 2012, p.1).

Tais habilidades, essenciais para o futuro do adolescente, ficam prejudicadas, levando a consequências a longo prazo para o aprendizado e a maturidade.

3.3 Influência do Ambiente Familiar

O ambiente familiar exerce um papel decisivo na relação do adolescente com o consumo de álcool e outras drogas. Segundo Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004),

Corroborando estes achados, todo o corolário de traumas familiares, separação brigas e agressões estavam francamente associados ao grupo de adolescentes maior intensidade de dependência. O papel dos pais e do ambiente familiar é marcante no desenvolvimento do adolescente e, consequentemente na sua relação com álcool, e outras drogas. Falta de suporte parental, uso de drogas pelos próprios pais, atitudes permissivas dos pais perante o uso de drogas, incapacidade de controle dos filhos pelos pais, indisciplina e uso de drogas pelos irmãos, são todos fatores predisponentes à maior iniciação ou continuação de uso de drogas por parte dos adolescentes. (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004, p.3).

Assim, o ambiente familiar é um fator crucial para prevenir ou facilitar o consumo abusivo de substâncias psicoativas na adolescência.

3.4 Consumo de Cannabis e seus Efeitos Específicos

A Cannabis sativa apresenta amplos efeitos prejudiciais ao neurodesenvolvimento, especialmente no que diz respeito à criação de dependência. Segundo Fernandes (2022), “A Cannabis sativa está ligada a distúrbios neuropsiquiátricos, função motora, cognição social, aprendizado, memória e transtornos de humor.” (FERNANDES et al., 2022, p.1). Esse uso abusivo resulta em alterações neurais e fisiológicas significativas, e pode levar até mesmo à situação de rua para alguns indivíduos, além de causar problemas a longo prazo. Além disso, “O efeito dose-dependente é observado na flexibilidade cognitiva, com

maiores impactos associados ao maior consumo” (FERNANDES et al.,2022, p.1), destacando que o uso não medicinal de cannabis está relacionado a distúrbios psicóticos e severas consequências fisiológicas.

3.5 Conhecimento e Percepção dos Adolescentes sobre Drogas

Características da adolescência, como a busca por novas experiências e a influência do grupo de pares, impactam a experimentação de SPAs. Segundo Coelho, Michelan, Escolano, Moraes e Araújo (2005), ao perguntar: “O que você entende sobre drogas?”,

Conceitos como ‘Prejudica a saúde’ e ‘Dependência’ obtiveram uma porcentagem elevada em relação às demais respostas, sendo respectivamente 62,20 e 39,05%. Provavelmente esse conhecimento tenha influência devido a propaganda em relação as drogas veiculadas na mídia, como no caso de revistas para adolescentes ou propagandas veiculadas na TV.” (COELHO, MICHELAN, ESCOLANO, MORAES, ARAÚJO, 2005, p.2).

Apesar do conhecimento sobre os efeitos negativos das drogas, o consumo de substâncias ainda é comum entre adolescentes.

4. Impactos do Uso de Drogas Ilícitas na Saúde Mental dos Adolescentes

O uso de drogas ilícitas na adolescência representa um grave risco para a saúde mental, intensificado pela vulnerabilidade neuropsicológica característica dessa fase do desenvolvimento. O cérebro adolescente, ainda em formação, especialmente nas áreas que regulam o controle emocional e a tomada de decisões, torna-se particularmente suscetível aos efeitos prejudiciais das substâncias psicoativas. Esse consumo não apenas eleva a probabilidade de dependência, mas também está associado a transtornos mentais, como depressão e ansiedade, que podem comprometer a qualidade de vida e o bem-estar dos jovens.

Neste capítulo, exploram-se os principais fatores que agravam os riscos para a saúde mental de adolescentes usuários de drogas ilícitas, com ênfase na vulnerabilidade cerebral, no papel do ambiente familiar e

na importância de intervenções psicossociais. Ao abordar programas de apoio, como os oferecidos pelos Centros de Atenção Psicossocial para Usuários de Álcool e Drogas (CAPS-AD), busca-se compreender as ações preventivas e os apoios necessários para promover desenvolvimento saudável e reduzir o impacto das drogas sobre a saúde mental dos adolescentes.

4.1 Vulnerabilidade do Cérebro Adolescente ao Uso de Drogas

A saúde mental de adolescentes que consomem drogas ilícitas é um tema que exige atenção, pois o uso dessas substâncias está associado a sérios riscos psicológicos e emocionais. Durante a adolescência, o cérebro ainda está em desenvolvimento, especialmente nas áreas responsáveis pelo controle das emoções e pela tomada de decisões, o que torna essa fase particularmente vulnerável aos efeitos das drogas. O uso de substâncias psicoativas nessa etapa aumenta o risco de transtornos como depressão e ansiedade, frequentemente observados entre adolescentes usuários. De acordo com Souza e Machado (2012), “A presença de sintomas depressivos e ansiedade também foi observada com maior frequência nos adolescentes usuários de substâncias psicoativas.” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.57)

4.2 Papel do Ambiente Familiar

O ambiente familiar tem um papel essencial nesse contexto. Adolescentes que convivem com familiares usuários de drogas e têm pouca supervisão parental estão mais suscetíveis a experimentar substâncias. “A baixa supervisão dos pais e a convivência com familiares que fazem uso de drogas aumentam a probabilidade de experimentação entre os adolescentes” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.57). Em contrapartida, aqueles que relatam laços familiares fortes e uma comunicação aberta com os pais tendem a apresentar menores taxas de uso de drogas: “Os adolescentes que relataram laços familiares mais fortes e comunicação aberta com os pais apresentaram menores taxas de uso de drogas” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.59).

4.3 Intervenções Psicossociais: O Papel dos CAPS-AD

A fim de prevenir os efeitos devastadores do uso de drogas na adolescência, é fundamental o apoio de programas especializados, como os oferecidos pelos Centros de Atenção Psicossocial para Usuários de Álcool e Drogas (CAPS-AD). Essas instituições fornecem apoio psicossocial e promovem a reabilitação, através de atividades que fortalecem os vínculos familiares e desenvolvem habilidades de enfrentamento. O CAPS-AD busca reduzir os impactos negativos das drogas na saúde mental, auxiliando adolescentes a construir uma vida mais equilibrada e saudável.

4.4 Conclusão: Importância da Prevenção e do Apoio Familiar

Portanto, a combinação de um ambiente familiar positivo, estratégias de prevenção e apoio psicológico é essencial para mitigar os riscos do uso de drogas entre adolescentes e contribuir para seu desenvolvimento emocional e psicológico saudável.

5. O Impacto do Abuso de Drogas na Saúde Mental e nas Relações Familiares de Adolescentes

O abuso de drogas por adolescentes é um problema complexo e multifacetado que ainda é tratado de forma estereotipada na sociedade, muitas vezes com foco em estranhamento e exclusão, em vez de uma conscientização significativa sobre os riscos e consequências dessa prática. O uso de substâncias psicoativas pode ter impactos devastadores não apenas na saúde mental dos adolescentes, mas também em suas relações familiares. Diversos estudos apontam que o abuso de drogas está frequentemente relacionado a trauma familiar, como brigas, separações e agressões, condições que afetam profundamente o desenvolvimento psicológico do jovem.

5.1 A Relação entre Família e o Uso de Drogas

Pesquisas indicam que famílias com pouca supervisão ou envolvimento emocional com os adolescentes têm mais chances de enfrentar situações de abuso de drogas. Conforme afirmam Souza e Machado (2012), “O uso de substâncias psicoativas entre adolescentes

está frequentemente associado a fatores familiares, como a presença de conflitos ou ausência de monitoramento parental” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.47). Além disso, a convivência com familiares que também fazem uso de drogas pode aumentar a probabilidade de experimentação, tornando os jovens mais vulneráveis ao vício. A falta de comunicação aberta e vínculos fracos com os pais é um fator de risco significativo, e “a baixa supervisão dos pais e a convivência com familiares que fazem uso de drogas aumentam a probabilidade de experimentação entre os adolescentes” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.57).

5.2 O Impacto da Saúde Mental no Uso de Drogas

A saúde mental dos adolescentes tem um impacto crucial no desenvolvimento de comportamentos de risco, como o abuso de drogas. A vulnerabilidade psicológica nessa fase da vida é elevada, e fatores como ansiedade e depressão são frequentemente observados em usuários de substâncias psicoativas. Isso ocorre porque o cérebro dos adolescentes ainda está em desenvolvimento, o que pode aumentar a propensão a comportamentos impulsivos, como o uso de drogas, em busca de alívio para os problemas emocionais. De acordo com Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004),

Dentre os dependentes de drogas, estima-se que entre 30 e 80% tenham alguma outra comorbidade, sendo as mais frequentes o Transtorno de Conduta, Depressão, Déficit de Atenção com Hiperatividade e Ansiedade. (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004, p.3)

Esse contexto psicológico pode, por sua vez, agravar ainda mais os transtornos mentais existentes

Além disso, a substância psicoativa, por si só, pode intensificar a fragilidade emocional, uma vez que está associada a sérias alterações neurais e psicológicas. A resposta mediada pela dopamina nos processos de motivação e recompensa pode se intensificar durante o uso de drogas, exacerbando a compulsão pelo consumo. Como explicam Kindler et al. (2012),

Durante o estado de sensibilização, há um maior valor na resposta mediada pela dopamina para o incentivo motivacional que as drogas exercem no corpo estriado e amígdala. (KINDLER, FUGITA, MARTINS, DAVANSO, 2012, p.1).

5.3 Consequências Acadêmicas e Comportamentais do Uso de Drogas

O uso contínuo de substâncias psicoativas também afeta negativamente o desempenho acadêmico dos adolescentes. Estudos mostram que o abuso de drogas pode causar déficits de memória, dificuldades em aprender e processar informações, além de prejuízos no rendimento escolar. “A estrutura familiar impacta diretamente a vulnerabilidade do adolescente ao uso de substâncias psicoativas” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.53). O comprometimento das funções cognitivas pode levar ao fracasso escolar, isolamento social e até mesmo envolvimento em atividades criminosas. Em relação a isso, Pechansky et al. (2004) destacam que

Alguns Alguns riscos são mais freqüentes nesta etapa do desenvolvimento, pois expressam características próprias desta etapa, como o desafio a regras e à onipotência. O adolescente acredita estar magicamente protegido de acidentes, por exemplo, e também se sente mais autônomo na transgressão, envolvendo-se, assim, em situações de maior risco, por muitas vezes com consequências mais graves.” (PECHANSKY, SZOBOT, SCIVOLETTO, 2004, p.3)

Além disso, a relação entre o abuso de substâncias e a criminalidade é outro fator a ser considerado. O uso de drogas pode estar diretamente relacionado à atividade criminosa, seja como consequência do envolvimento com o tráfico, seja pela alteração das funções cognitivas que dificultam o controle de impulsos e decisões. O estudo de Kindler et al. (2012) também aponta que “Há o problema na auto-regulação do comportamento de procura de droga, conduzindo à compulsão do uso” (KINDLER, FUGITA, MARTINS, DAVANSO, 2012, p.1), o que pode levar os jovens a se envolver em comportamentos de risco.

5.4 A Importância da Intervenção Familiar

Por fim, a intervenção familiar e o apoio psicológico desempenham um papel essencial na prevenção do abuso de substâncias e na recuperação de adolescentes que já estão envolvidos com drogas. Programas de intervenção familiar têm mostrado resultados promissores, reduzindo os índices de uso de drogas entre os jovens. Como afirmam Souza e Machado (2012), “Programas de intervenção familiar têm mostrado resultados promissores na prevenção do uso de substâncias entre adolescentes” (SOUZA, MACHADO, 2012, p.59). Além disso, a educação e conscientização sobre os efeitos das drogas no organismo e no comportamento são fundamentais para que os adolescentes possam tomar decisões mais informadas e responsáveis. Segundo Coelho et al. (2005),

Estas informações, embora superficiais, vêm reforçar a necessidade de esclarecimentos aos adolescentes sobre os efeitos das drogas no organismo humano e muito além disso, nos mostra necessidade de apoio emocional para que estes jovens tomem suas decisões de forma consciente e sem qualquer tipo de pressão social. (COELHO, MICHELAN, ESCOLANO, MORAES, ARAÚJO, 2005, p.4).

6. Conclusão da Pesquisa

Deste modo, este estudo evidencia que a adolescência representa uma etapa crítica de desenvolvimento, caracterizada por vulnerabilidades que podem ser exacerbadas pela exposição a substâncias psicoativas, como maconha e álcool. O consumo dessas substâncias pode comprometer não apenas o desenvolvimento neurológico dos jovens, mas também sua estabilidade emocional e social, com consequências de longo prazo para a saúde mental e o desempenho acadêmico. Entre os principais fatores de risco, destacam-se a influência do grupo social, a dinâmica familiar e a curiosidade inerente a essa fase da vida, que frequentemente levam os adolescentes à experimentação.

A partir dessa análise, ressalta-se a necessidade urgente de políticas públicas efetivas e de iniciativas preventivas que atuem no âmbito educacional, familiar e comunitário, com vistas a mitigar esses riscos. O papel dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

(CAPS-AD) é crucial nesse contexto, oferecendo suporte especializado que vai além da intervenção, proporcionando um ambiente de acolhimento e orientação. Tais serviços não apenas promovem a conscientização sobre os riscos do uso de drogas, mas também contribuem para o fortalecimento dos vínculos familiares e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis. Portanto, ações coordenadas entre saúde, educação e assistência social são fundamentais para promover o bem-estar integral dos adolescentes, assegurando-lhes um desenvolvimento saudável e sustentável.

REFERENCIAS

COELHO, L. M.; MICHELAN, N.; ESCOLANO, A. C. M.; MORAIS e ARAÚJO, C. A. Reflexões sobre uso e prevenção de drogas: análise preliminar. São Paulo - UNESP, 2005.

FERNANDES, Roberth Geraldo Braga Martins; SOUZA, Rafael Cota Andrade Ferreira de; MARTINS, Katharine Gonçalves; OLIVEIRA, Carlos Miguel; MENESES, Diego Lessa; VILELA, Luciano Rezende. Efeitos da maconha não medicinal no neurodesenvolvimento de adolescentes/jovens. São Paulo - UNIFESP, 2022.

PECHANSKY, Flávio; SZOBOT, Claudia Maciel; SCIVOLETO, Sandra. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Porto Alegre - UFRGS, 2004.

SOUZA, Rafael Cota Andrade Ferreira de; MACHADO, Gerson Sant'Ana. Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros. Salvador - UFBA

KINDLER, Dyeli Cássila; FUGITA, Fabiano; MARTINS, Larissa Leite; DAVANSO, Heloísa. Abuso de álcool, neurodesenvolvimento e neuroplasticidade na adolescência. Grande Dourados - UFGD, 2012

O MÁRTIR VISIONÁRIO: EVIDENCIANDO A CRÍTICA AO ANTI-INTELLECTUALISMO NA OBRA DE LIMA BARRETOⁱ

Jonatas Silva Santos¹

RESUMO

O texto em questão, tem como objetivo trazer a partir das obras do escritor brasileiro Lima Barreto, a sua visão acerca do Anti-intelectualismo que se fazia presente no Brasil durante suas publicações, em especial, traçando um paralelo com o contexto social e histórico dos anos 1890 à 1910, ou seja, o início da República Brasileira. Para isso, usamos como base algumas de suas principais obras, em especial: *Os Bruzundangas*ⁱⁱ, *Contos de Lima Barreto*ⁱⁱⁱ e *Triste fim de Policarpo Quaresma*^{iv}.

Palavras-chave: Lima Barreto; Anti-intelectualismo; República Brasileira; Literatura nacional.

ABSTRACT

The current text aims to elucidate, from the works of the Brazilian author Lima Barreto, his perspective on the anti intellectual wave that was present in Brazil during the time where his works were being published, especially drawing a parallel within the social/historical context of the beginning of the Brazilian Republic (1890s-1910s). To do so, Lima's main works were used as source, principally: "*Os Bruzundangas*", "*Contos de Lima Barreto*" and "*Triste Fim de Policarpo Quaresma*".

Keywords: Lima Barreto; anti-intellectualism; Brazilian republic; national literature.

¹ Graduando em História na Universidade Federal de Sergipe. Email: jonatassilva17@gmail.com

- INTRODUÇÃO

Na História da literatura ocidental, Otto Maria Carpeaux estabelece uma certa analogia entre os romances e contos de Lima Barreto com os dos escritores norte-americanos do primeiro decênio do século XX, que se insurgiram contra o tradicionalismo e iniciaram uma literatura de protesto. Chamou-se a isso na época a remoção do lixo (BARBOSA, Francisco de Assis, 2010, p. 5)^v.

Lima Barreto, nascido em 1881 na então capital do Brasil, o Rio de Janeiro, se destaca entre os escritores e intelectuais desse período, final do século XIX início do século XX, justamente, por utilizar desse seu potencial intelectual e literário como forma de denúncia dos problemas estruturais da sociedade brasileira daquela época, muitos desses problemas, vividos pelo próprio autor.

Como bem lembra a historiadora - e responsável por diversos trabalhos renomados em torno da obra de Lima – Lilian Schwarcz “No caso de Lima Barreto, a atitude de separação de sua história é quase um equívoco, pois significa abrir mão do próprio fundamento dessa literatura” (2010, P. 22). Com isso, autora deixa mais do que claro o caráter quase que autobiográfico na obra de Lima.

Diferente de muitos outros contemporâneos de Lima, o autor destinava grande parte de suas críticas de maneira efetiva as estruturas da sociedade, ou seja, destinava a aqueles que realmente poderiam ser classificados como agentes daquelas injustiças, como por exemplo, aos políticos, aos militares, aos servidores públicos de alta patente e até mesmo os oligarcas. Com isso, diante da sociedade que o próprio classificaria como burocrata e corrupta, Lima deixou de ocupar durante toda vida, condições melhores e cargos melhores profissionalmente falando. Ele até chegou a se queixar, mas a sua frustração de saber que merecia ocupar cargos de maior prestígio não foi o suficiente para que o autor largasse seu altruísmo e tentasse satisfazer as necessidades dessa elite, para que pudesse ser aceito.

Para garantir sua sobrevivência, Lima teve que exercer funções de menor prestígio, apesar do autor ser colocado a margem, ele ainda conseguia disputar alguns espaços intelectuais, sendo assim, uma resistência. Além disto, diferente de alguns artistas que também faziam

parte de algum grupo minoritário, Lima não coadunava com o silêncio que essas minorias tinham de fazer caso quisessem obter algum prestígio social.

Ainda assim, Lima conseguiu fazer parte de um panteão de intelectuais que foram responsáveis pela formação de uma verdadeira forma de pensar a identidade nacional – mesmo que de maneira tardia. Claro que, por se tratar de um indivíduo que tanto fora marginalizado pela elite dessa nação com a qual foi capaz de pensar a identidade, Lima proporcionaria uma perspectiva além do abstrato, uma perspectiva que ia além do que se repetia nos textos de alguns dos outros escritores de sua época.

Boa parte dessa crítica a esses agentes da sociedade que citamos acima, advém de algo que podemos chamar de “Anti-intelectualismo”. Muito por conta dos interesses desses anteriormente citados, como os oligarcas, os funcionários públicos de alta patente e os políticos, que não queriam perder suas posições de poder para aqueles que “mereciam” ou que eram “mais preparados”. Assim, contribuiu para aqueles que se debruçam em suas obras com seu ponto de vista analítico e sempre que possível sarcástico sobre esse dito “Anti-intelectualismo brasileiro”.

- A obra de lima barreto:

Dentro das obras de Lima, podemos encontrar vários exemplos de várias abordagens diferentes dessa sua *literatura militante*. Para tomarmos como ponto de partida, podemos nos apropriar daquela que talvez seja sua principal e mais revisitada obra: “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, nela, vemos diversos embates e críticas do autor, desde um retrato do patriarcalismo, com as personagens “Ismênia” e “Olga”, e toda a divinização da figura do casamento para as mulheres, até debates acerca da cultura brasileira, ou o que seria essa cultura brasileira e como fomos vendidos ao exterior com o que hoje chamamos de “síndrome de vira-lata”, tudo isso tendo como o protagonista o próprio Policarpo, que era tido como um grande estudioso das culturas nacionais.

O ponto principal do romance talvez seja analisar a estrutura da uma classe política e militar. Essa representação literária do autor acaba corroborando com como o autor percebia essas instituições no Brasil daquela época, já que, Policarpo, por se tratar de um Major, esteve dentro desse sistema, e vivencia de perto essa realidade.

Lima sempre fora um grande crítico também da República, especialmente do caráter que ganhou a República brasileira. Nos apresentando a personagens de grande poder como o tenente “Fontes” e o almirante “Caldas”, que viam a revolta armada de 1893 apenas como uma disputa de interesses, e que, utilizavam do poder e influência que tinham junto da marinha nacional para conquistar mais poder frente ao regime republicano do Brasil, Lima demonstrava por meio dessa literatura a sua visão acerca da República brasileira, uma república construída para satisfazer os interesses de uma elite militar que visava tomar mais ainda as rédeas do Brasil. Essa, de forma sintetizada, era a visão que o autor possuía a respeito das forças armadas. Lima atribuiu a imagem de Policarpo a do bom militar, que ia de total desencontro com a maioria, aquele militar reservado, que não abusava de seu poder, que seguia estudando, mas, que ainda assim ocupava cargos de pouca visibilidade e prestígio.

Para além disso, Lima ainda criticava por outro ângulo a identidade militar brasileira, um ângulo também moral, mas que dessa vez, soando como se o autor menosprezasse a realidade dos militares, que na realidade não são nada heroicos, e que apenas a constroem de maneira artificial perante o povo, podemos extrair da obra momentos como: “- O senhor esteve lá, general? – perguntou o convidado amigo de Genelício. - Não estive. Adoecei e vim para o Brasil.” (BARRETO, Lima, 2018, P. 85). Lima, aqui, e nas outras várias vezes que esse diálogo reaparece no romance, evidencia uma imagem muito longe da imagem heroica de cada militar, demonstrando que esse poder equivalente ao de um herói, não os cabia. Entretanto, por mais que não fossem merecedores propriamente ditos, os militares possuíam seus desejos atendidos por estarem numa posição de vantagem na sociedade brasileira, um poder que vai além do financeiro, algo que podemos associar ao capital social. Lima levanta essas colocações para evidenciar sua visão desses agentes da sociedade brasileira, que não dignifica aqueles que são realmente merecedores de bons cargos por motivos extra profissionais.

Seguindo com a obra “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”, temos Lima evidenciando sua opinião acerca das oligarquias interioranas. Nos capítulos em que Policarpo decide sair da vida urbana do Rio de Janeiro e tentar a sorte como agricultor em Curuzu, podemos ver de forma bem evidente essa representação. A política interiorana retratada pelo autor, pouco se difere da realidade contemporânea, trata-

se de uma política muito aquém de racionalidade, que muitas das vezes está entregue a algumas famílias poderosas de municípios específicos. Destarte, temos mais outro exemplo presente na sociedade brasileira onde o verdadeiro intelectual não é reconhecido, aqueles que de acordo com os ideais da república deveriam representar-nos, são muitas das vezes deixados de lado, como o próprio Policarpo fora, após ter sido injustamente colocado no hospício². Quaresma pode ter sido mais um exemplar da presença autobiográfica de Lima, já que o major sempre tentava se colocar como alguém fora daquela disputa política, e que consequentemente, o fez perder algumas “regalias” que futuramente viriam a fazer falta.

Para além do romance, alguns contos do autor também possuem bastante relevância no que diz crítica a forma de fazer política na república. O que talvez traga isso de forma mais evidente é: “O Único Assassinato de Cazuza”. No conto que é protagonizado por “Hildegardo Brandão”, ou simplesmente Cazuza - que também contava com suspeitas de ser uma autorrepresentação do autor.

Tudo tentara e em tudo falhara. Tentara formar-se, foi reprovado; tentara o funcionalismo, foi sempre preterido por colegas inferiores em a tudo a ele, mesmo no burocracismo; fizera literatura e se, de todo, não falhou, foi devido a audácia de que se revestiu, audácia a quem “queimou seus navios” (BARRETO, Lima, 2010, P. 532).

Temos aqui, mais uma vez um personagem multifacetado e de grande talento que fora jogado de canto por conta de todo esse Anti-intelectualismo que o autor denuncia em suas obras. Esse componente autobiográfico, diz muito para o pesquisador, pois já que fora feito para que fosse bastante semelhante ao autor, podemos quase que o atribuir como uma crítica do próprio Lima para o sistema vigente. Sendo assim, no conto temos de forma sintetizada a visão de Lima diante das disputas políticas interioranas, e de como elas são negativas para sociedade.

Em suma, temos Cazuza e seu amigo Dr. Ponciano, que juntos em suas reuniões semanais discorrem sobre alguns vagos a vazios

² Aqui temos mais toques autobiográficos na obra de Lima, que na época, apesar de nunca sido internado – ainda – num hospício, já havia vivenciado a situação de seu pai que “enlouquecera”, segundo as instituições da época.

assuntos, mas que no meio desse emaranhado de dizeres, chegavam raramente a assuntos que deveriam ter certa atenção. Diante das opiniões de Cazuza a respeito dessa tal política interiorana, temos Lima através de sua personagem, definindo-as como conflitos animalescos e familiares de alguns poucos que detêm toda a máquina pública, ainda, colocando-os – os protagonistas - na posição de beco sem saída, que observam aquela situação e não conseguem ver solução.

Para além do interior, dentro desse conto e de algumas outras obras de Lima, temos quase a mesma crítica destinada para a própria capital.

Aqui, a diferença não é tão grande para o interior nesse ponto. Já ouvi quem dissesse que, quem não mandou um mortal deste mundo para o outro mundo, não faz carreira política no Rio de Janeiro” (BARRETO, Lima, 2010, p. 534).

- OS BRUZUNDANGAS E SEU “QUÊ” ANTI-INTELLECTUAL:

Outro romance que Lima destinou grande foco para a política e como ela funcionava, foi “Os Bruzundangas”. Lá, Lima ataca não só a classe política em si, mas o “falso corpo intelectual” presente nela. “Falso” muito por conta da forma que Lima nos apresenta esse corpo intelectual. Bastante visível no capítulo especial da Edição de 2021 “Edição especial Os Samoeidas”.

Eu cheguei a entender perfeitamente a língua Bruzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes; mas aquela em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente do usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira a lídima, justificando isso por ter feição antiga de dois séculos ou três. (BARRETO, Lima, 2021, p. 14).

Ao falar dos samoeidas dessa forma, Lima não só evidencia a falta de utilidade dessa falsa elite intelectual, como também, a respeito do distanciamento dela para com as camadas importantes da sociedade,

já que, como o próprio narrador elucida, nem mesmo ele foi capaz de entender os textos desses intelectuais, quem dirá a camada mais subalterna dessa sociedade.

Esse corpo intelectual, – claro que, sempre se tratando de uma intelectualidade da classe dominante – que também era responsável pelos debates acerca do ensino, é ponto central quando Lima vai falar da educação de Bruzundaga.

A nobreza doutoral, lá, está se fazendo aos poucos irritantes, e até sendo hereditária. [...]

- Mas T. foi reprovado?

- Foi.

- Como? Pois se é filho do doutor F.? (BARRETO, Lima, 2021, p. 56).

Lima dá um significado duplo para esse trecho, e não só para o trecho em si, mas para sua crítica. O texto aponta tanto para a irresponsabilidade e disfuncionalidade desses intelectuais não só para o próprio ramo acadêmico e literário, mas também, para o campo da educação, que, sem sombra de dúvidas, seria um campo que os intelectuais deveriam estar devidamente preocupados.

A nobreza doutoral, são as pessoas descendentes de aristocratas da república de Bruzundanga que ganham títulos de nobres ganhando o diploma de “doutor”. De acordo com Barreto, nesse quesito, vale tanto para pessoas que são médicas, quanto para engenheiros, advogados ou até mesmo dentistas.

A intenção de Lima Barreto é demonstrar os erros do Brasil através de comparações com a sua literatura. Não significa que ele fosse contra ao “ser intelectual”, mas sim, que a construção intelectual no Brasil foi totalmente construída artificialmente pela “nobreza” que aqui está instaurada. afinal, é muito mais fácil ser intelectual quando se nasce em uma família tida como “nobre” ou importante, do que ser reconhecido nas situações que o autor tinha de enfrentar. Lima afirma em seu livro o fato de que, não necessariamente, os intelectuais fossem pessoas que tivessem um rendimento escolar que as faria julgar como “inteligentes”, na verdade, essa elite fazia seus filhos passarem pelos caminhos mais fáceis até que sua aprovação fosse sacramentada.

- O RACISMO ENQUANTO FERRAMENTA ANTI-INTELLECTUAL:

Seguindo a respeito de obras com componentes autobiográficos, temos “O Pecado”, como sendo talvez a que mais nos ajude quando o tema é racismo. Nela, temos um conto fictício e fantasioso, em que “São Pedro” é o ser celestial responsável pelo destino das almas, se vão para o purgatório ou céu. Temos a sua imagem representada de maneira bem positiva, “Quando naquele dia São Pedro despertou, despertou risonho e de bom humor” (BARRETO, Lima, 2010, P. 546), assim, Lima colocava o Santo numa posição alegórica do lado que seria positivo daquele sistema, ou seja, “um bom poderoso”, no qual todos deveriam ser, talvez nem fosse brasileiro, talvez representasse apenas um conceito filosófico e metafísico. Entretanto, um novo personagem que seria uma espécie de ajudante de São Pedro, um jesuíta, esse que quando observamos a história brasileira, vemos que foram figuras importantes e relevantes para a identidade nacional. Assim, o jesuíta é mal visto, descrito como “(um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar na América do Sul)” (BARRETO, Lima, 2010, P. 547) além de ser chamado pejorativamente de “burocrata”. No decorrer da trama somos apresentados a um personagem descrito como “Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como são Francisco de Assis. Virtuoso como são Bernardo. E meigo como o próprio Cristo.” (BARRETO, Lima, 2010, P. 547) Entretanto, segundo o burocrata jesuíta, não havia a possibilidade do recém chegado ter o direito do chamado *per saecula saeculorum*³. Posteriormente somos apresentados ao motivo: “-Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório.” (BARRETO, Lima, 2010, P. 547).

A frase dita pelo jesuíta, mostra-nos, sinteticamente, o que seria essa ferramenta estrutural do racismo, que impactou diretamente na vida do autor e de outros intelectuais que foram esquecidos no tempo por serem negros.

Livros como “Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá” e vários outros contos do autor, serviriam facilmente para que pudéssemos complementar essa análise importantíssima do ponto de vista “barretiano”, a respeito do racismo enquanto método de reprovação

³ Do Latim: ‘Pello século dos séculos’.

daqueles que deveriam ser vistos como os verdadeiros intelectuais. Como dito anteriormente, isso é de caráter quase que autobiográfico.

- LIMA BARRETO E A CONTEMPORANEIDADE:

Com os olhares voltados para o fim de uma obra que pretende apenas evidenciar, mas, jamais colocar-se enquanto leitura completa e definitiva desse tópico que é apenas uma parcela da imensidão de pontos que Lima faz questão de tratar na sua vasta – apesar da censura e perseguição – obra. Com isso posto, caminhemos para os paralelos com a contemporaneidade.

Parece-me que a politização de um intelectual tradicionalmente se fazia a partir de duas coisas: em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, "maldito", acusado de subversão, de imoralidade, etc.) (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p. 2).

Traçando pressupostos colocados por autores pós-modernistas, - que talvez seja o movimento intelectual que mais nos ajude a pensar os dias atuais – podemos ver que a crítica presente na obra de Lima, e, evidenciada no artigo em questão trabalha conceitos como as definições apontadas por Foucault: Lima se coloca como intelectual tido como subversivo, perseguido e sabotado, e também, aponta os principais motivos, como por exemplo, o fato de se encontrar nas camadas populares socialmente falando.

É claro que, Lima ser comparado de maneira literal com um autor que viria a começar seus trabalhos quase que meio século depois, seria de um certo anacronismo, entretanto, não podemos subestimar a análise feita por Lima através de sua literatura, já que, o autor não um teórico, ele tinha por meio da literatura sua própria forma de evidenciar os problemas de sua sociedade sob sua ótica.

Com isso, - diante de algumas das obras mais importantes de Lima, que é um autor riquíssimo em produção textual, e que, certamente terá mais abordagens no futuro sobre esse e outros temas –

pode-se dizer que Lima a muito atribui a esse eventual “fracasso” do Brasil, questões que são de certa maneira bem materiais, diferente do que era muito entendido em sua época, como por exemplo, autores que atribuíam esse tal fracasso, ao fato de que o Brasil era uma mistura de vários povos que contaminaram nossa identidade, como os jesuítas – tese que já foi superada.

Tomado por um contexto em que convivia com autores como Machado de Assis, Lima foi capaz de se colocar de prontidão, e de certa maneira, ser tão relevante quanto do ponto de vista intelectual, além de conseguir fazer com que sua obra ultrapassasse a esfera literária, e abraçasse pautas sociais de maneira geral, como pautas raciais, de gênero, de classe e etc.

- REFERÊNCIAS:

BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Jandira, SP: Principis, 2021.

_____. *Contos Completos de Lima Barreto*. Lilia Moritz Schwarcz (Org). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, SP: Via Leitura, 2018.

BARBOSA, Francisco de Assis. Melhores contos Lima Barreto: Seleção de Francisco Assis Barbosa. 2010. São Paulo: Global Editora, [20--].

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

ⁱ Inicialmente, esse texto foi desenvolvido para fins avaliativos da matéria “Temas de História do Brasil Contemporâneo”, ministrada pelo professor Dr. Antônio Fernando Araujo de Sá, professor titular da UFS (Universidade Federal de Sergipe), e desenvolvida pelos alunos: Jonatas Silva Santos, Iago Murilo de Jesus Chagas e José Davi de Carvalho Costa.

ⁱⁱ BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Jandira, SP: Principis, 2021.

ⁱⁱⁱ BARRETO, Lima. *Contos Completos de Lima Barreto*. Lilia Moritz Schwarcz (Org). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

^{iv} BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, SP: Via Leitura, 2018.

^v BARBOSA, Francisco de Assis. Melhores contos Lima Barreto: Seleção de Francisco Assis Barbosa. 2010. São Paulo: Global Editora, [20--].

TECNOLOGIA DE CAPTURA E ARMAZENAMENTO DE CARBONO E COMO O TURISMO IMPACTA O MEIO AMBIENTE

Nathalia Barreto Sobral

RESUMO

O efeito estufa faz parte do aquecimento global, fazendo com que os raios solares entrem e não consigam sair da atmosfera, elevando as temperaturas na Terra. Isso acontece por vários motivos, e um que aumenta significativamente os números de CO₂ na atmosfera é o turismo. Como dá lucro a uma federação ou a uma nação, o governo investe nessa atividade, fazendo-a crescer, e com isso recursos naturais são extraídos para proporcionar melhor experiência aos turistas. Existem várias formas de reduzir o impacto, uma delas sendo políticas públicas que promovam a sustentabilidade. Como solução do efeito estufa, cientistas desenvolveram uma tecnologia de captura de carbono, pode ser armazenado (CCS) ou reutilizado (CCUS). O método de coleta é o método DAC, que realiza a captura direta do ar, são tipicamente modulares, que têm capacidade de quilos até um megaton.

PALAVRAS-CHAVE: Aquecimento global, efeito estufa, turismo, carbono, dióxido de carbono (CO₂), DAC, captura, armazenar, reutilizar.

ABSTRACT

The greenhouse effect is part of global warming, causing the sun's rays to enter and not be able to leave the atmosphere, raising temperatures on Earth. This happens for several reasons, and one that significantly increases the numbers of CO₂ in the atmosphere is tourism. As it makes a profit for a federation or a nation, the government invests in this activity, making it grow, and with that natural resources are extracted to provide a better experience for tourists. There are several ways to reduce the impact, one of them being public policies that promote sustainability. As a solution to the greenhouse effect, scientists have developed a technology to capture carbon, which can be stored (CCS) or reused (CCUS). The collection method is the DAC method, which performs direct air capture, are typically modular, which have a capacity of kilograms up to one megaton.

KEYWORDS: Global warming, greenhouse effect, tourism, carbon, carbon dioxide (CO₂), DAC, capture, store, reuse.

1. INTRODUÇÃO

O aquecimento global e o efeito estufa após as revoluções industriais foram os principais motivos para a invenção dos métodos de captura e armazenamento de carbono Carbon Capture and Storage (CCS) e Carbon Capture Utilization for Sequestration (CCUS), que têm como objetivo reduzir os impactos causados pela poluição do ar.

Objetivo desta pesquisa é fazer com que este tema tenha mais repercussão, pois percebi o quão relevante e pouco abordado era. Apesar de sua importância, é um tópico complicado devido aos desafios enfrentados, que os fizeram ser cada vez mais esquecido aqui no Brasil. O artigo foi realizado através de pesquisas feitas no Google e referências de dissertações em diferentes repositórios.

2. AQUECIMENTO GLOBAL E EFEITO ESTUFA

Para entendermos o que são essas tecnologias, precisamos passar primeiro pela motivação do projeto, o aquecimento global e o efeito estufa. Na verdade, o aquecimento global é o aumento da temperatura média do planeta, que é causado pelo efeito estufa, causado pela liberação de gases na atmosfera terrestre. O efeito estufa consiste em basicamente, quando os raios solares atingem a Terra, eles costumam refletir de volta ao espaço, porém, com a atmosfera contaminada pelo dióxido de carbono (CO₂) e outros gases, os raios solares são incapacitados de voltar, fazendo com que a temperatura aumente drasticamente. As principais causas dessa poluição no ar e incluem a industrialização, liberando o CO₂ a cada produção, a queima de combustíveis fósseis como petróleo, carvão e gás natural, desmatamento (principalmente para a pecuária), decomposição de resíduos orgânicos, agricultura intensiva e etc. Segundo Santos (2018) Tal relação evidencia a urgente necessidade da formação de cidadãos conscientes dos impactos de suas ações sobre o ambiente.

2.1. CCS E CCUS

O Carbon Capture and Storage (CCS) e o Carbon Capture Utilization for Sequestration (CCUS) são processos para reduzir as emissões de CO₂ para a atmosfera. Consiste em capturar o dióxido de carbono emitido por atividades industriais e de geração de energia, no qual o CO₂ é capturado, transportado e, por fim, armazenado no subsolo. Os locais de armazenamento podem variar de aquíferos

profundos, cavernas, domas de sal, reservatórios de gás ou óleo e camadas de carvão. A tecnologia contém seus lados ruins, segundo Barreto (2023), revela-se então que se encontra em aperfeiçoamento a tecnologia de captura de carbono. A diferença entre essas duas tecnologias está no que acontece após o gás ser capturado. No CCS, como foi dito, é armazenado no subsolo, porém, no CCUS o gás é reutilizado em processos industriais, como a produção de plástico e concreto.

2.2. DESAFIOS ENFRENTADOS

Essa tecnologia é consideravelmente recente, então enfrenta problemas para se adaptar no mundo todo por que um dos desafios enfrentados é que alguns países são céticos quanto ao seu uso. Há uma expectativa de que se todos os países a aderissem, reduziria significativamente o efeito estufa. Algo parecido é que algumas organizações não governamentais se opõem ao CCS. Porém, com todos os seus benefícios e seu histórico de sucesso há também altos custos e impactos desproporcionais em comunidades vulneráveis.

3. COMO FUNCIONA A CAPTURA DE CARBONO

O método para coletar o carbono é o DAC, Direct Air Capture, que, como o nome sugere, captura o ar diretamente.

3.1. DAC

A tecnologia DAC captura moléculas de CO₂ da atmosfera. Existem várias tecnologias DAC em diferentes estágios de desenvolvimento, usando, por exemplo, sorventes sólidos e solventes líquidos. Os sistemas DAC são tipicamente modulares, com capacidades de captura que variam de alguns quilos até uma escala de megaton. A medição confiável e precisa da baixa concentração de CO₂ e umidade é particularmente importante no estágio de P&D para medir a eficiência da captura, entender a cinética do processo e otimizar o processo. A medição precisa do CO₂ de baixa concentração também é necessária quando o CO₂ é extraído do sorvente.

A necessidade de enriquecer a concentração de CO₂ em mais de mil vezes, desde a concentração atmosférica (~400 ppm) até quase 100% de pureza torna o DAC altamente intensivo em energia. No final do processo, medições de alta concentração de CO₂ são vitais.

3.2. PAÍSES COM TECNOLOGIA EM ANDAMENTO

Os EUA lideram o caminho em termos de número de projetos, seguidos pelo Reino Unido, Austrália, Noruega, Holanda e Indonésia. São poucos os países que aderem a tecnologia, e, analisando o padrão, os com os maiores números de projetos são os países mais desenvolvidos.

4. TURISMO

O turismo é o conjunto de atividades e deslocamentos que as pessoas fazem para fins de lazer, negócios ou outros, fora do seu ambiente habitual. Embora tenha seus lados positivos tais como o desenvolvimento de países, aprendizado de uma cultura local, gerar empregos e etc, seus lados negativos impactam diretamente o meio ambiente.

4.1. IMPACTOS DO TURISMO NO MEIO AMBIENTE

O turismo pode causar impactos ambientais como poluição do ar, água, sonora e visual, desmatamento para construção de hotéis e complexos de lazer, geração de resíduos sólidos, perda de biodiversidade, desequilíbrio ecológico, perturbação da vida selvagem, emissões de gases do efeito estufa e exploração excessiva de recursos naturais.

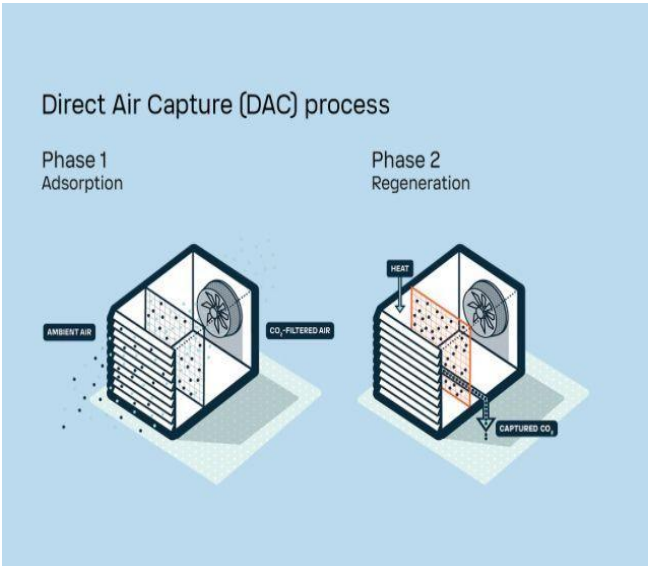
4.2. ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE

Para reduzir os malefícios do turismo e fazer com que seja ecológico seria necessário opções como ecoturismo, turismo responsável, políticas públicas, programas e ações que promovam a sustentabilidade, regulamentação e fiscalização.

5. CONCLUSÃO

A tecnologia mostrada ainda está em fase de construção e não chegou em países em desenvolvimento, por isso cientistas ainda estudam a possibilidade de um método mais fácil, barato, menos trabalhoso e menos perigoso. Podemos ver também como o turismo, que parece ser uma atividade tão inocente, tem uma grande influência no tempo restante do planeta Terra. Lembre-se sempre de reduzir a sua parte da poluição, e não polua a água, pois também afeta a atmosfera.

EFEITO ESTUFA E AQUECIMENTO GLOBAL
multi.rj.gov.br



FUNCIONAMENTO DO MÉTODO DAC
vaisala.com

RESENHA

VIGIADOS E VIGILANTES: A SUSPEIÇÃO DO SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES NO COMBATE À “SUBVERSÃO”

Alexandre Firmo¹

Ayrton Baffa (1934-2011) foi um jornalista brasileiro com um trabalho reconhecido e devidamente premiado por suas reportagens investigativas. Aliás, estas premiações vão desde assuntos ligados às questões políticas até escândalos envolvendo empresas, ou melhor, a temática da corrupção no decorrer da ditadura militar no Brasil ganharia as capas das principais revistas e jornais do país à época. Por essas e outras razões que Baffa seria laureado por duas vezes com o Prêmio Esso, destacando-se a honraria obtida em 1983 ao realizar uma reportagem ao tratar sobre informações econômicas do qual viria à tona o famigerado “escândalo da Capemi”.

Sua trajetória dentro do jornalismo investigativo foi marcada por obras e reportagens denunciatórias, na verdade, elas foram notabilizadas como resultados expressivos de um profissional que, por vezes, arriscou-se para produzi-las – vale ressaltar que estamos nos referindo a uma época em que a censura sempre esteve presente nas redações dos jornais e editoriais das revistas, ditando e cerceando direitos como, por exemplo, o da liberdade. Assim sendo, propõe-se nesta resenha a análise da obra *Nos porões do SNI: o retrato do monstro de cabeça oca* (1989) em que explicitaremos, segundo o autor em tela, o funcionamento do serviço informacional e a atuação dos seus agentes no decorrer do regime militar brasileiro.

Portanto a obra está organizada por tópicos temáticos, dentre eles, há alguns que se encontram destacados em negrito, talvez o autor desejava chamar atenção para determinados assuntos que envolvem o Serviço Nacional de Informações (SNI). Ao lê-los verificamos que estes tópicos destacados são imprescindíveis a fim de se obter a melhor compreensão do que vem a ser o SNI. Já no prefácio, escrito pelo

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista Capes. Integrante do Grupo de pesquisa Poder, Cultura e Relações Sociais (HIST-PCRS/CNPq). E-mail: alexandre.firmo98@outlook.com

também jornalista Aziz Ahmed, que o intitula como “Vitória da pertinácia” vindo a calhar com a pretensão de persistência em explicar sobre o misterioso SNI no qual pouco se sabia. Ahmed ressalta também a importância que Baffa teve em explicar o funcionamento do SNI a partir dos relatórios e informes aos quais teve acesso, decidindo organizar todas as suas pesquisas, estudos, entrevistas e transformá-las num livro – é verdade que este não era tão didático e analítico até porque Baffa não tinha um viés professoral, mas é indubitável o seu poder informativo (AHMED, 1989).

Após o prefácio aparece uma mensagem do próprio Baffa explicando a sua “ufania” sobre o jornalismo investigativo. Para o autor, “[...] o jornalismo investigativo, de denúncias, é a razão maior na vida do repórter, alma e coração da reportagem, da boa imprensa [...]. Para o exercício desse jornalismo é indispensável ao profissional que busque a notícia [...]” (BAFFA, 1989, p. 11). Foi essa “busca” pela notícia que o fez ser reconhecido pelo trabalho desempenhado, no entanto, é nesta mesma mensagem que o autor tece algumas críticas ao governo militar em se tratando do acesso aos documentos tidos como oficiais, inclusive, esta é uma questão que enfrentamos até os dias de hoje.

O primeiro capítulo, seguramente o mais importante, descreve a origem do SNI evidenciando alguns elementos da cabalística, pois o autor relaciona o número 13 aos demais eventos transcorridos no período ditatorial. A importância deste capítulo se dá no aspecto narrativo e, por vezes, enfático do “nascimento” do principal órgão de informações; pode-se perceber tais aspectos quando Baffa (1989) insere o texto do documento de criação do SNI como uma forma de explicar, desde o princípio deste escrito, especialmente suas atribuições em que não há um aprofundamento neste assunto o qual poderia abordar detalhes que objetivassem agregar ao entendimento do leitor.

Ressalta-se a explicação como a principal característica apresentada pelo autor nesta obra, no entanto, nos parece que a intenção dele era de informar o leitor a respeito da origem do SNI e como funcionava a coleta das informações – a propósito, essas pretensões foram alcançadas no discorrer do texto. Se por um lado Baffa não discorreu muito sobre a origem do SNI; por outro, investiu na análise dos documentos encontrados nos arquivos localizados nos “porões” do SNI. Descreve quais eram as táticas e técnicas para se obter as informações sobre os suspeitos de “subversão”, portanto, a escuta

telefônica foi uma “ferramenta” adotada pelos agentes do SNI para acompanhar os investigados que, quase sempre, nem sabiam que estavam sendo vigiados.

Partia-se do princípio da “suspeição” do indivíduo no qual teria sua vida vigiada constantemente e não raro era encontrar os seus nomes em relatórios produzidos pelos agentes que detinham informações privilegiadas sobre os suspeitos (BREPOHL, 1997). Baffa descreve estes agentes ou informantes como verdadeiros “besouros” devido ao potencial que detinham para infiltrar-se em território “inimigo”, neste caso, dos “subversivos”. Explica ainda importância das “fichas” em que continham os registros dos investigados e estas eram repassadas, ou melhor, circulavam por outras agências dos órgãos informacionais, como também eram utilizadas contra os presos políticos nas sessões de torturas a fim de “justificar” tais “punições”.

Ao longo da obra, Baffa vai relatando o conteúdo dos documentos que teve acesso e sublinhava temáticas que pareciam ser importantes ao conhecimento da população, bem como expôs os nomes de alguns militares que praticavam atrocidades contra os presos políticos dos mais conhecidos aos menos afamados. Descreve, por conseguinte, a situação do SNI durante no governo Médici em que houve o momento de maior recrudescimento das ações tomadas pelos órgãos de segurança e repressão que também exigiram do SNI uma postura proporcionalmente mais ríspida ao momento em questão. Assim sendo, este momento de ampliação das medidas mais repressivas na ditadura militar é contemplado no capítulo 2 em que também frisamos nesta análise a busca pelo “inimigo interno”, para tanto os agentes eram instruídos a saber como identificá-lo a partir de um questionário extenso e dos manuais disponibilizados.

As páginas desta obra são destinadas a explicar as documentações do SNI quando possível na íntegra demonstrando que o “aparelho” de espionagem constantemente atuava e tinha o apoio tanto dos militares quanto dos civis que simpatizavam com os ideais apregoados pela “Revolução de 1964”. Diante do que foi exposto, infere-se a riqueza informacional contida nesta produção textual que serve de referência para pesquisas e pesquisadores da área em virtude do teor técnico a partir de seus “termos” específicos que demandam um aprofundamento investigativo, geralmente, lançando mão de outras bibliografias afins.

Referências

AHMED, A. A vitória da pertinácia. *In*: BAFFA, A. **Nos porões do SNI**: o retrato do monstro de cabeça oca. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1989.

BAFFA, A. **Nos porões do SNI**: o retrato do monstro de cabeça oca. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1989.

BREPOHL, M. **A lógica da suspeição**: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. *Revista Brasileira de História*, Curitiba, v. 17, n.34, p. 203-220, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/jhG4q3jQsNw7ytch53C4X6j/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CRÔNICAS

O MENINO DA MORINGA

Alessio do Nascimento

(Lagarto – SE, 07/01/2025)

Joaquim, era um menino brincalhão e curioso como qualquer outra criança da sua idade, filho de dona Dalva e seu Dito, Joaquim tinha oito anos e sempre todas as manhãs, ele acordava cedinho para acompanhar seu pai os afazeres da roça, já que ele estava de férias da escola. Seu Dito, vendo que ele era inquieto, deu uma enxada pequenina para ele, que enquanto o pai ia tirando o mato para não cobrir a plantação de batatas, o pequeno Joaquim ia cavando ali arrancando o mato acola, como se estivesse procurando minhocas e sempre parava e voltava para perto do pai para pedir água com sua pequena caneca de alumínio, que ganhou da mãe quando ainda tinha três anos. O pai sempre paciente parava o serviço e enchia a caneca do seu filho que bebia com tanta vontade que algumas gotas escorriam pela lateral da boca deslizando pelo seu pescoço já suado. Em uma manhã de domingo, Joaquim acordou cedo como já era de costume e percebeu que seu pai já tinha saído, ele foi até a cozinha com passos acelerados e viu sua mãe à beira do fogão a lenha preparando o café da manhã, e perguntou para aonde seu pai tinha ido, sua mãe respondeu que seu pai tinha indo à feira, mas que voltava antes do almoço. Joaquim resolveu então reunir seus animais de barro: bois vacas, bezerros, cavalos de vários tamanhos, carneiros pintados de brancos com bolinhas vermelhas. Levantou-se e foi até a lateral da casa em busca de pedaços de paus de vários tamanhos e com suas pequenas mãos retornou à sala para fazer as cercas e o curral. Deitado no chão da sala, com o seu olhar vigilante observava a fazenda silenciosa e muito organizada, onde cada tipo de animal da sua fazenda estava em uma parte cercada por paus de vários tamanhos. Os gravetos maiores, ficavam os bois e as vacas, ao lado com o espaço maior, os cavalos. Do outro lado da sala construiu com os gravetos menores outro curral para separar os bezerros branco dos carneiros cinzas e perto da porta, um galinheiro, já que ele tinha muitas galinhas de varias cores, e em todas as divisões tinha uma porção enorme de capim. Como um bom fazendeiro, não poderia faltar comida para os seus animais. Joaquim ouviu o chacoalhar da carroça, levanta-se e como um raio vai até a porta,

estica o pescoço para o lado e consegue ver no horizonte da estrada Tião, o nome que ele deu ao cavalo que puxava a carroça, ver também seu pai que segurando as rédeas para controlar a direção e a velocidade. Joaquim, andou alguns passos em direção a cerca para desamarrar o arame para dar passagem a carroça, logo em seguida sorriu para seu pai ao passar na sua frente, e observou que ele segurava um embrulho em uma das mãos. Seu Dito encostou a carroça em baixo da sobra do pé de cajueiro, desceu da carroça e chamou o menino, em seguida entregou o objeto que estava muito bem embrulhado em jornais de notícias antigas de folhas já amareladas. O menino segurou o embrulho e foi para dentro de casa em direção a sua fazenda, pegou um banquinho de madeira sentou e começou a desembulhar o objeto, e quanto mais ele desembulhava ele ia vendo o que era. Finalmente ele tirou todos os papéis que protegia e descobriu que era uma pequena moringa de barro com três linhas brancas em volta dela na parte mais volumosa. Em cima dessas linhas brancas tinham vários desenhos de meninos montados nos cavalinhos pintados de vermelho, um atrás do outro em fila e próximo a borda da moringa onde coloca a água muitas estrelinhas de todos os tamanhos e de várias cores, como se ali estivesse representando o céu estrelado. Joaquim ficou observando demoradamente cada desenho da sua moringa, contou quantas estrelinhas tinham, percebeu que um dos cavalinhos parecia com Tião e com um brilho nos olhos foi ao encontro da mãe mostrar seu presente, dona Dalva sorriu ao ver o brilho nos olhos de seu filho, que estava abraçado com seu bem maior, ela pegou a moringa com muito cuidado lavou para tirar a poeira e depois encheu de água e entregou ao seu filho que pegou e abraçou a moringa como quem abraça um amigo que há anos não via. Voltou para a sala da casa, pegou seu banquinho de madeira e colocou ela ao lado da sua cama e o seu presente encima do banco. Seu Dito voltou para suas atividades na lavoura e Joaquim o acompanhava agora com seu presente seguia seu pai. As férias da escola tinham terminado e ele precisava dormir cedo para que no dia seguinte iria para escola. O pequeno Joaquim acordava cedo e durante todos os dias ele arrumava seu pouco material escolar e colocava sua moringa em uma bolsa de plástico com muito cuidado era um aluno dedicado e muito querido na escola gostava de brincar de futebol e quando fazia o gol vibrava como se fosse o gol mais bonito daquela manhã. Durante o ano letivo era dedicado sempre fazia os deveres de

casa, e nas provas sempre tirava notas boas, chegou para a professora um dia e falou para ela que queria ser jogado de futebol ou fazendeiro. Já para encerrar o ano letivo, Joaquim foi chamado para a direção da escola, dona Dalva estava na secretaria a sua espera e quando viu seu filho no corredor da escola com seu uniforme amassado, os tênis desamarrados e sua companheira inseparável na sacola uma lágrima teimosamente desceu vagarosamente pelo seu rosto, revelando a notícia ainda não dita. Tião se assustou com uma cobra que atravessou a estrada bem na sua frente e acelerou de repente jogando seu Dito violentamente para traz, que caiu da carriça e bateu a cabeça em uma pedra e morreu na estrada perto da sua casa. Quando sua mãe contou o motivo do porquê veio busca-lo os dois se abraçaram longamente e pingos de lagrimas tocaram no chão daquela sala em meio ao silencio que torturavam as pessoas que presenciaram aquele triste abraço da mãe com filho. Ambos foram para casa, Joaquim ao chegar ficou em silencio todo o tempo ao lado dos seus animais de barro, até a fazenda dele estava de luto. No dia seguinte logo pela manhã, dona Dalva e seu pequeno filho voltavam do enterro e seguiam encima da carroça, agora com uma velocidade levada pela tristeza, chegaram na frente da sua casa, e os dois pararam por um momento observavam que as folhas do cajueiro caíam como se aquela árvore também chorava a perda do velho amigo. Joaquim entrou em casa, atravessou a sala passou pela cozinha e adentrou em um quartinho que ficava no final da casa, passou alguns minutos lá dentro revirando algumas coisas, voltou pelo mesmo trajeto, agora segurando uma caixa de madeira, e foi até o quarto ajeitou o banquinho para fica mais próximo da sua cama e colocou a caixa encima. Depois voltou para a sala pegou sua moringa derramou toda a água que tinha nela, limpou demoradamente como se estivesse acariciando o rosto de seu pai, suas lágrimas caíram na moringa e o barro dela absorveu cada uma delas, ajeitou a caixa de madeira colocou a moringa dentro junto com seu caneco de alumínio, foi até seu guarda roupa que tinha na parte de baixo três gavetas, abriu a última gaveta onde ele guardava os seus presentes que ganhava dos pais. Retirou um lenço branco que ganhou no seu batismo e estendeu cobrindo a caixa que guardava sua moringa, era um lenço que seu Dito tinha dado para ele e que estava escrito: Para meu amado filho, Joaquim José do Santos. E todas as noites, aquela moringa que ficava do lado da cama protegia o sono do pequeno Joaquim.

Era uma manhã de domingo como as outras quente com um sol da mulesta de meio dia João estava trabalhando na sua hortinha tentando plantar algo porque sem água era impossível, enquanto isso sua mulher Maria estava cozinhando tentando economizar o máximo porque esse mês eles estavam apertados sem um tostão furado.

Estava impossível viver naquela situação sem água, sem comida e sem dinheiro, como eles iriam conseguir sustentar suas crianças que estavam para vir e como eles iriam se sustentar. Estava na hora de fazer alguma coisa, João não podia deixar a situação continuar daquele jeito, então tomou uma atitude que mudaria a vida deles por completo

Um certo dia cansado dessa situação, João, conversando com Maria, decide que era melhor eles se mudarem para cidade e que lá eles procurariam recomeçar tudo, João iria procurar emprego e Maria ficaria cuidando da casa. No dia seguinte, sem muito preparo, João e Maria juntaram suas coisas e saem estrada afora montados em seu cavalo Relâmpago.

Assim que eles saíram de casa Maria estava um pouco apreensiva com medo do que poderia acontecer, do que estava para vir, mas ela sabia que nada tiraria a ideia da cabeça de João, então não falou nada e continuou a andar. Alguns quilômetros a frente, Maria sentiu sua garganta seca, então ela pegou o cantil que trouxeram, desenroscou a tampa e virou em direção a sua boca, mas apenas uma gota de água caiu. Maria, que ainda com sede, avisa a João que a água havia acabado, e que ela estava exausta e precisava descansar, João que também estava cansado decide parar para descansar embaixo de uma árvore seca que ele tinha visto.

No dia seguinte, assim que eles acordam, eles perceberam que um dos três pães que eles tinham trazido havia sumido, Maria estava um pouco preocupada de passarem fome na viagem e acaba não comendo nada de café da manhã.

Eles já estavam andando a horas e Maria escuta sua barriga roncar, ela estava morrendo de fome, então pega um pedacinho bem pequeno de pão e come, a fome dela ainda não tinha passado, afinal ela

tinha 3 bocas para alimentar, a dela e de seus gêmeos que estavam para vir. Maria estava com medo de acabar dando a luz ali mesmo, no meio da estrada em plena seca, mas logo o medo passou, pois eles haviam achado uma vila onde eles passariam a noite e buscariam por informação.

Chegando na vila eles foram muito bem recepcionados por um homem chamado Jose que deu para eles água e comida, e logo em seguida arrumou um lugar para os dois passarem a noite, o lugar era bem escuro e quente, e a cama deles era um monte de palha. Assim que amanheceu eles acordaram e foram em busca de informação sobre quanto tempo faltava para cidade, Jose então disse a eles que “a cidade eu não sei onde é, mas sei de alguém que pode te ajudar”, e Jose aponta para um senhor velho sentado em uma cadeira de madeira.

Quando João se aproxima do senhor, o cumprimenta e o velho se apresenta como Matias. Depois de um tempo, conversa vai conversa vem, Matias fala para João que o caminho até a cidade era demorado, que levaria pelo menos mais um dia e pouco, e explica também que o caminho até lá era perigoso, com vários bandidos, mas que seus maiores inimigos seriam a fome e a sede. João, mesmo com os avisos de Matias, estava determinado a chegar até a cidade e decide partir no dia seguinte pois já estava ficando escuro.

Assim que o dia amanheceu João não perdeu tempo arrumou suas coisas, acordou Maria e subiu em relâmpago, seu garanhão e seguiram viagem. O sol estava de rachar e Maria estava pensativa na garupa do cavalo João percebeu que ela estava muito quieta e decide perguntar porque ela estava assim Maria então diz “a João e porque eu estou com medo, medo de tudo que pode acontecer mede de que quando a gente chegar na cidade a vida lá ser pior ou que nossos filhos não sobrevivam e até mesmo que eu de a luz enquanto estivermos na estrada” João tenta consolar Maria dizendo a ela que está tudo bem e que ele não deixaria nada de ruim acontecer a ela nem ao seus filhos.

Alguns quilômetros depois João percebe que Relâmpago estava andando mais diminuindo o passo e andando cada vez mais devagar então ele decide parar para descansar arruma um cantinho de baixo da única árvore que havia ali e então ele decide descansar um pouco pois ainda tinham um longo caminho pela frente.

No meio da noite Maria acorda com barulhos esquisitos e assim que ela abre o olho 3 homens de preto estão mexendo nas coisas

deles maria tenta acordar João sem que os homens percebam, mas assim que eles percebem que Maria havia acordado eles saem correndo com toda comida que os restavam, Maria estava desesperada sem saber o que eles comeriam então acorda João para contar sobre a comida João bem triste com a situação decide que era melhor eles partirem agora para chegarem mais rápido.

Maria estava se sentindo um pouco enjoada e com dores na barriga, mas acha que não e nada e ignora mas quanto mais o tempo passava mais piorava uns 10 quilômetros depois Maria começa a sentir contrações e então ela pede para que João parasse para que ela pudesse deitar um pouco porque estava doendo muito João então para o cavalo e ajuda Maria a descer então ela deita no chão João consola ela avisando que faltava pouco para que eles chegassem e que eles deveriam seguir vigem maria concorda e sobe no cavalo.

João estava certo faltava pouco eles estavam a 20 quilômetros da cidade, mas Maria não sabia se conseguiria aguentar até lá ela estava quase entrando em trabalho de parto o bebe poderia nascer a qualquer momento.

Maria e João já estavam andando a horas e a dor so pirava até que Maria não pode mais aguentar e deu a luz aos gêmeos foi um parto doloroso e sofrido para Maria assim que João pega o primeiro filho sua expressão era triste Maria então pergunta “o que foi João alguma coisa de erado com a criança” João responde que sim com a cabeça e fala que a criança estava morta Maria se põe a chorar João pega a outra criança que estava com vida e a entrega para maria.

Eles esperam um pouco antes de voltar a viagem.

Depois de uns 30 minutos os três sobem no cavalo e voltam a viagem enquanto João guiava o cavalo maria cuidava de sua menina Maria Aparecida ou como eles a chamavam Cidinha.

Alguns quilômetros depois João avista a cidade Maria estava muito feliz por ter chegado à cidade, mas principalmente por poder proporcionar o melhor para sua filha Cidinha. Ao se aproximar da cidade João e Maria são encarrados pelos moradores com um olhar de desaprovação, mas João ignora.

Já estava escurecendo então João vai a procura de um lugar para eles dormirem, depois de algum tempo procurado João so acha um beco bem escuro e frio, mas como não tinha outra opção arruma suas coisas para que Maria e sua filha pudessem dormir João estava

determinado de que no dia seguinte iria arrumar um trabalho para que eu um mês eles conseguissem arrumar uma casa para eles morarem.

No dia seguinte João acorda mais cedo do que Maria e vai a procura de trabalho, naquela noite ele avia pensado no que ele poderia trabalhar ele pensou em ser pescador, então João vai ate a praia a procura de informação, mas acha uma oportunidade melhor, ele trabalharia como garçom de um barzinho lá da praia chamado 7 ocean.

João entra no bar a procura de informação, mas João e olhado com olhares de julgamento e direcionado para um barzinho do lado chamado bar do zé depois de mais ou menos uma hora conversando e ele e contratado e começaria a trabalhar lá no dia seguinte

Ele chega em casa super feliz para contar para maria

Um mês depois João foi despedido de seu trabalho para não eles não ficarem sem comida João vai à procura de emprego novamente então ele lembra da sua ideia na do começa ele seria pecador ele improvisa uma vara de pesca e vai para um rio um pouco longe da cidade ele começa a pescar no primeiro dia não teve muito sucesso, mas continua a ir todo dia lá, fome já não era um problema mais sim dinheiro, João então decide comercializar no mercado seu peixe

João começa a ganhar um bom dinheiro e consegue comida, e depois de um tempo juntando dinheiro ele consegue uma casa

Seu negócio fez muito sucesso e acaba virando uma empresa de sucesso

Fim.

POEMAS

PAÍS TROPICAL

Jane Guimarães Vasconcelos Santos

País Tropical,
Brasil de imagens e versos
canetas e pincéis
das folhas à raiz.
Vale o brilho do sol,
e a travessia de dias nublados
e das noites claras, o calor tropical.
Somos milhões de sóis
e incontáveis estrelas no céu
as cores das riquezas dessa terra
das flores, frutas e sabores.
Brasil falante,
habitat natural,
coqueiros e palmeiras,
ouvindo o mar de águas cristalinas.
Das músicas e gingados
numa canção que seu povo orgulha
país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza!

OLHAR DE TRISTEZA

Mariana Assunção Ralim Santos¹

A visão de um lugar de tristeza

Tímido, vazio,

Silencioso,

Reflexivo

Um olhar cansado

De poucas esperanças

Em uma noite vazia

Na beira do mar

A tristeza destrói a esperança

Nos faz perceber o mundo

Com um olhar vazio,

Em meio ao caos

O olhar de tristeza

Em meio as lágrimas

A turbulência da vida

É, ainda, um lugar de silêncio

¹ Professora e Poetisa. Mestra e Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Sergipe.

SOLIDÃO

Matheus Andrade de Moraes

Decidi escrever para mim mesmo, já que ninguém quer escutar ou apreciar as trilhas sonoras que marcam o compasso da minha história.

Como alguém poderia ouvi-las?

Nenhuma trilha sonora narra algo interessante ou tampouco contemplativo.

Não há porque condená-los...

Ninguém quer escutar batiques, chiados ou ruídos. Querem trilhas sonoras com ritmos cadenciados que aqueçam o coração.

Ninguém quer perder sua melodia, mas no fim acabam perdendo em meio a tantos sons que ofuscam sua mensagem.

Ninguém gosta quando sua trilha sonora predileta termina, por isso sempre retoma outra vez para escutá-la novamente.

Mas, se simplesmente ela deixar de ser sua trilha sonora predileta? Para mim, tudo começou a perder o sentido quando a música parou e a trilha sonora se desintegrou.

29/10/2022

MT

TREVAS

Matheus Andrade de Moraes

Por trás de um arco-íris poderá haver trevas.

Se encontrar as trevas,
Engane-a o quanto puder.

Se encontrar as trevas,
Lute-as contra elas até não aguentarem.

Se encontrar as trevas,
Confronte-as e não se deixe intimidar.

Se encontrar as trevas,
Sorria, elas querem te ver chorar.

Se encontrar as trevas,
Supere-as, elas querem te derrubar.

Só não deixe as trevas dominarem seu arco-íris, porque todo arco-íris surge quando as chuvas cessam e o sol reaparece.

O ÉTICO

Rafael Dias de Aragão

Dia Dois de Fevereiro, dia de Iemanjá:
levanta pega o ônibus, mas não esquece a reza.
Os Caboclos e Marinheiros, vendo o Ético ajoelhar,
levanta a voz e os braços e começa a gritar:
“Ile Aye que me cansa!” Canta prosas de ninar:
“Ile Aye que me descansa.” o Ético volta a andar.

Como duplas iguais:
Pedro e Paulo,
João e Maria,
Cuia e Bacia,
Óleo e Alho,
Ile e Aye,
Edson Gomes e Cão de Raça.
Rasta, arrasta, fala: suplicar.
A voz. O silêncio não faz parte de seu jantar.

Mastiga o Ético no ventre materno,
cheio apenas de esperanças, mudanças.
O cerne do Ético concerne com a sua irmã.
A irmã futuramente mais velha mente:
“lá dentro tem comida” O Ético vandaliza:
“Ile Aye que me cansa!” as provas são produzidas:
“Ile Aye que me descansa.” o Ético volta a caminhar.

Prosopopeico e antiquado, o vilão digno de um quadro.
Ele não sente, não embala, não rasga, não, não e não.
O Ético que tanto suplica e pede cura às suas chagas,
não sabe pedir ao bar à Cachaça o álcool que lhe cura.

Mais uma vez, dia três de Fevereiro. Dessa vez não é dia de ninguém,
é um dia vazio, diferente, onde as rimas são excludentes,

de uma vida diferente, que o coração latente,
coloca virgulas para separar, o que o homem, sente.

Os dias sem Santos são complexos e triste, não há escadas para lavar,
não há esperanças para continuar, o ventre já está vazio novamente, o
orgulho ele mal sente, apenas uma dor de dente, mas guarda as
esperanças para o dia onze, Nossa Senhora de Lourdes ele avista de
longe,

Os seus dias vão se consertando,

As virgulas vão mudando.

Vão criando pontos de continuação.

Os versos para o formato antigo voltarão.

A sanidade do Ético se recupera.

Outra vez, dia onze de Fevereiro, dia de Nossa Senhora de Lourdes,

peça para que Deus nos ajude,

a manter o texto de nossa vida limpo,

a nos manter dinâmico,

onde há pontos há intenções,

onde há virgulas, há chorões.

O Ético volta a acreditar.

O PERDÃO

Rosana Batista dos Santos¹

Deixa o tempo espremer teu coração
expulsando até a última palavra letal
que em teu peito encravada, feito punhal,
te dilacera por dentro, sem compaixão

Deixa o tempo costurar teus pedaços,
estancando a mágoa que te sufoca,
Que libere a represa em que te afogas
antes que sejas completamente tomado

Deixa remover do teu peito marcado
as sentenças que viraram chagas,
Que o peso que tanto te esmaga
possa enfim ser de ti arrancado

Uma vez que as feridas se fecham,
a dor que causam esmorecerá,
Nunca a alma as esquecerá,
Mas cicatrizes, brasa finda, não queimam

¹ Rosana Batista dos Santos, uma aracajuana nascida em 30/12/1986, é formada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Sergipe (2009). É professora da rede pública desde 2012. Sua necessidade de se expressar em versos surgiu ainda na adolescência, como uma tentativa de conectar-se com o mundo, o que resultou na publicação de seu primeiro livro, em 2022, Além do tempo antologia poética, pela editora SEDUC-SE. A autora também é membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Sergipe e integra atualmente o Café Poético Sergipano.

LAGARTO, ENTRE MEMÓRIAS E ESPERANÇA

Tânia Cristina dos Santos Souza
(Educatória Cris Souza)

No coração de Sergipe, onde o vento borda a terra,
há uma cidade que pulsa na cadência do tempo,
onde a história se escreve nos passos antigos
e o futuro desponta no brilho dos olhos do povo.

Sob o céu vasto, Lagarto desperta,
envolta em brisas e memórias vivas,
guardando em suas ruas o eco de vozes
que moldaram seu destino.

Silvio Romero ergueu letras e pensamento,
costurando cultura na pele do Brasil.
Nos campos, o vaqueiro traça caminhos,
com a coragem cravada no couro e no chão.

Na Praça Filomeno Hora, a cidade respira,
entre murmúrios de história e risos de agora.
A Matriz de Nossa Senhora da Piedade
sustenta em sua fé o peso dos séculos.

E entre esses rostos que fazem Lagarto,
um nome ressoa como chama acesa:
Dr. João Almeida Rocha, mãos que curam,
olhar que vê além da dor, além do instante.

Na brancura dos jalecos, na febre dos dias,
seu legado se fez semente,
brotando nos gestos que acolhem,
no respeito à vida, no amor à terra.

Lagarto é força que não se apaga,
festa que canta e esperança que insiste.

É o vaqueiro, o poeta, o médico, o povo.
É passado e porvir entrelaçados no agora.

E hoje, em teu dia, cidade querida,
celebramos tua essência e teu caminho,
Lagarto, és poesia viva,
escrita no tempo, bordada no destino.

Revista da Academia Sergipana de Letras

N. 16 - 26.04.2025

Dossiê Dr. João Almeida Rocha

Publicação Oficial

Academia Lagartense de Letras

Formato 17cm x 25 cm

Tipologia Calibre

Páginas 126

